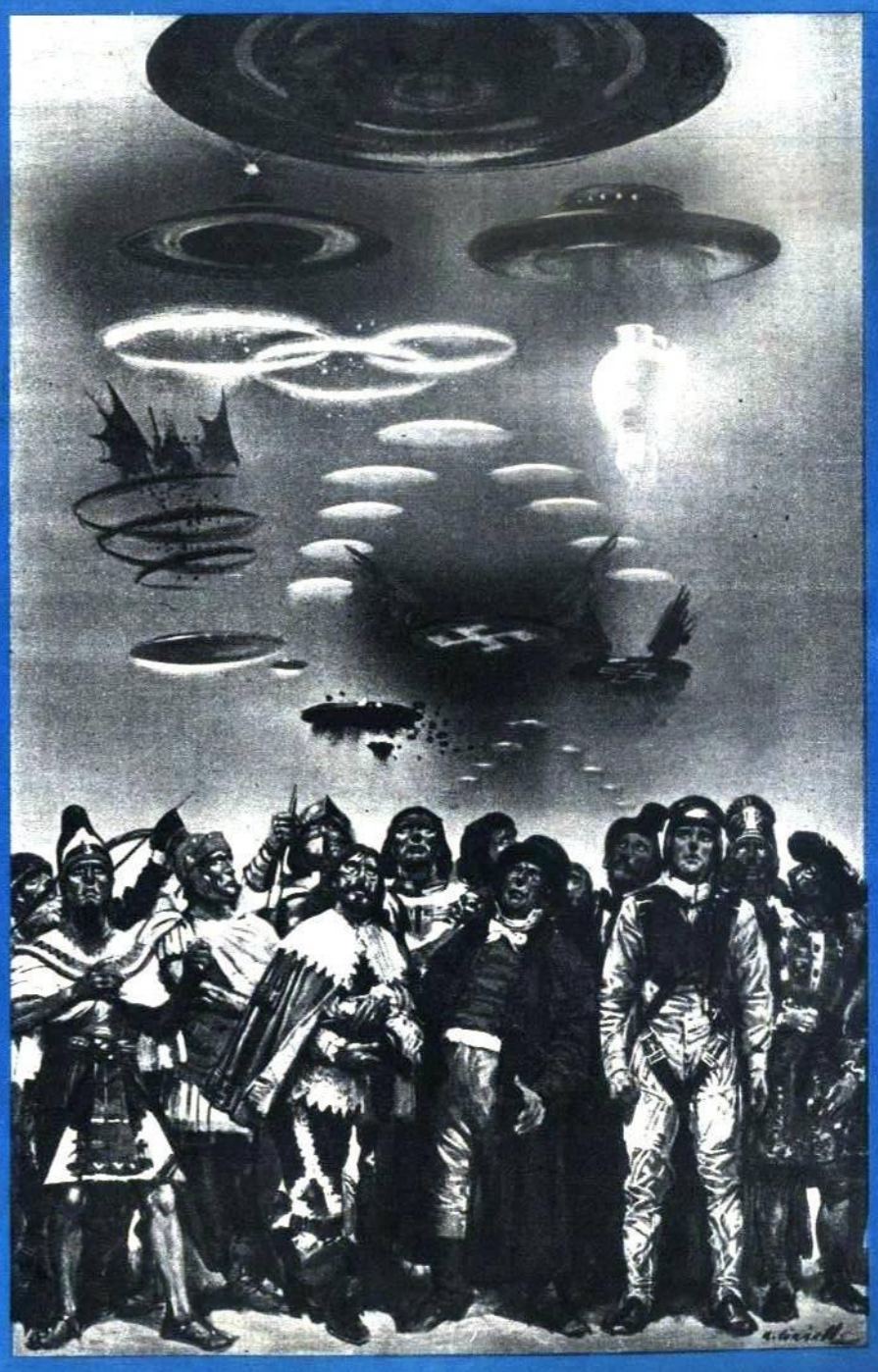
DISCOS VOADORES-I

MISTÉRIO QUE ATRAVESSA OS SÉCULOS

Discos voadores. Através dos séculos, um mesmo enigma desafia a ciência e a credulidade dos homens. A fantasia, o mistério, a ficção desenfreada. A possibilidade da invasão da Terra por sêres de outros planêtas, disformes e agressores. Ou serão amigos? Existirão, ao menos? É esta a história que O CRUZEIRO tenta desvendar e começa a contar hoje, em série, com exclusividade para o Brasil.

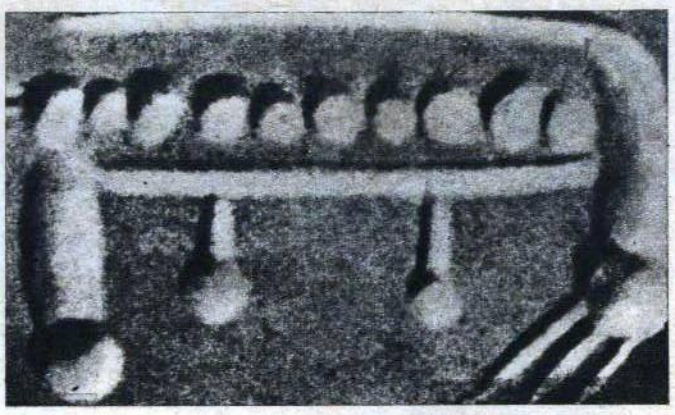
Reportagem de FRANCO BANDINI, GIANCARLO MASINI e BARTOLO PIEGGI
(Exclusividade Mundial de Domenica del Corriere e O CRUZEIRO)



ESTÁTUAS E DESENHOS ENVOLTOS EM PROFUNDO MISTÉRIO

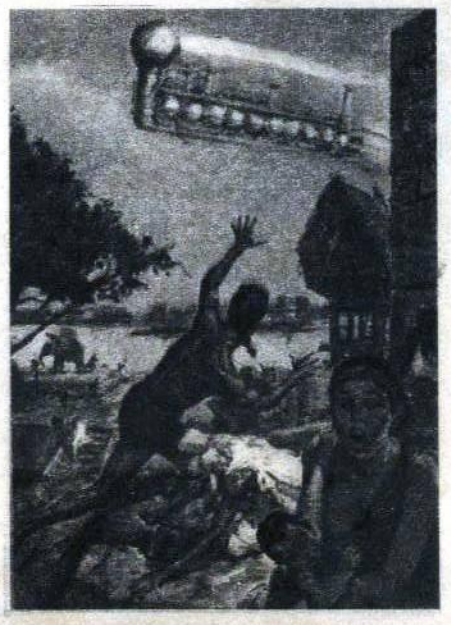
Uma estatueta japonêsa encontrada em Tokonai (Honsku setentrional), uma região em que não se justifica o uso de óculos polares (foto acima). A figura data, provàvelmente, de um milênio a. C. À direita, uma segunda estatueta japonêsa, com elmo e viseira para os olhos. Mais à direita, O Grande Marciano, com 6 metros de altura, descoberto em Tassile. Embaixo, as misteriosas imagens sem bôca que foram encontradas por Leo Frobenius na Austrália.

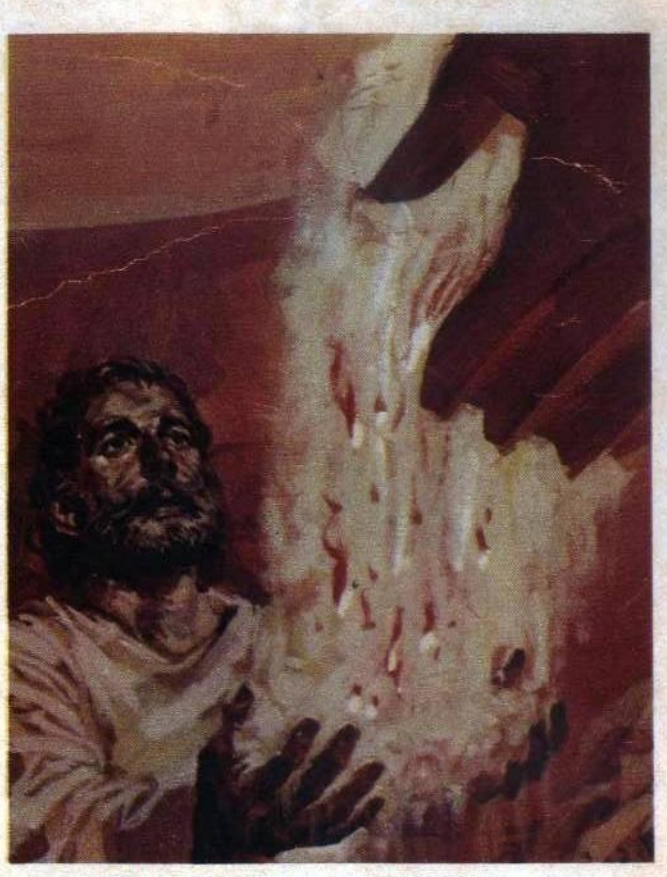
segundo ezequiel, em 600



UMA DESCOBERTA RUSSA

Há poucos anos, alguns arqueólogos russos acreditavam poder interpretar o baixo-relêvo indiano (reproduzido acima) como uma astronave que, em tempos remotíssimos, havia visitado a Terra. À direita, a reconstrução que foi feita dela. Alguns estão convencidos de que, derrubada em Tunguska a 30 de junho de 1908, fôsse uma nave espacial desintegrada. Mas são apenas novas suposições.





UMA HISTÓRIA DE EZEQUIEL

Os desenhos tentam interpretar a famosa passagem do Livro de Ezequiel, em que é descrita a destruição de Jerusalém por 6 homens munidos de "armas de dissipação". Segundo o profeta, o ataque foi comandado por uma voz vibrante, que, supõe-se, tenha sido uma máquina. À dir., o chefe da patrulha invasora de Jerusalém se aproxima da "máquina" e (acima) enche os punhos de lava ardente e a espalha a seu redor. Desenhos de Averardo Ciriello.

a. C. a terra foi invadida pela 1.ª vez

Em oposição àqueles que se dizem convencidos da existência dos "discos voadores", cabe levantar dois tipos de objeções fundamentais: a sugestão coletiva e o equívoco. Em suma, se diz sempre: "Acredita ter visto, mas, na realidade, deixou-se influenciar pelas narrativas de outros". Ou mesmo: "Viu, mas o que acreditou ser um disco voador não era outra coisa senão um balão, um fogo-fátuo, um fenômeno particular da atmosfera".

Trata-se de um jôgo fechado, pelo menos até que alguém consiga capturar materialmente um dêsses "objetos desconhecidos", embrulhá-lo e levá-lo a quem de dever. Até o dia em que isso não acontecer, cada testemunha moderna está sujeita, e é justo que assim seja, às duas objeções que foram citadas.

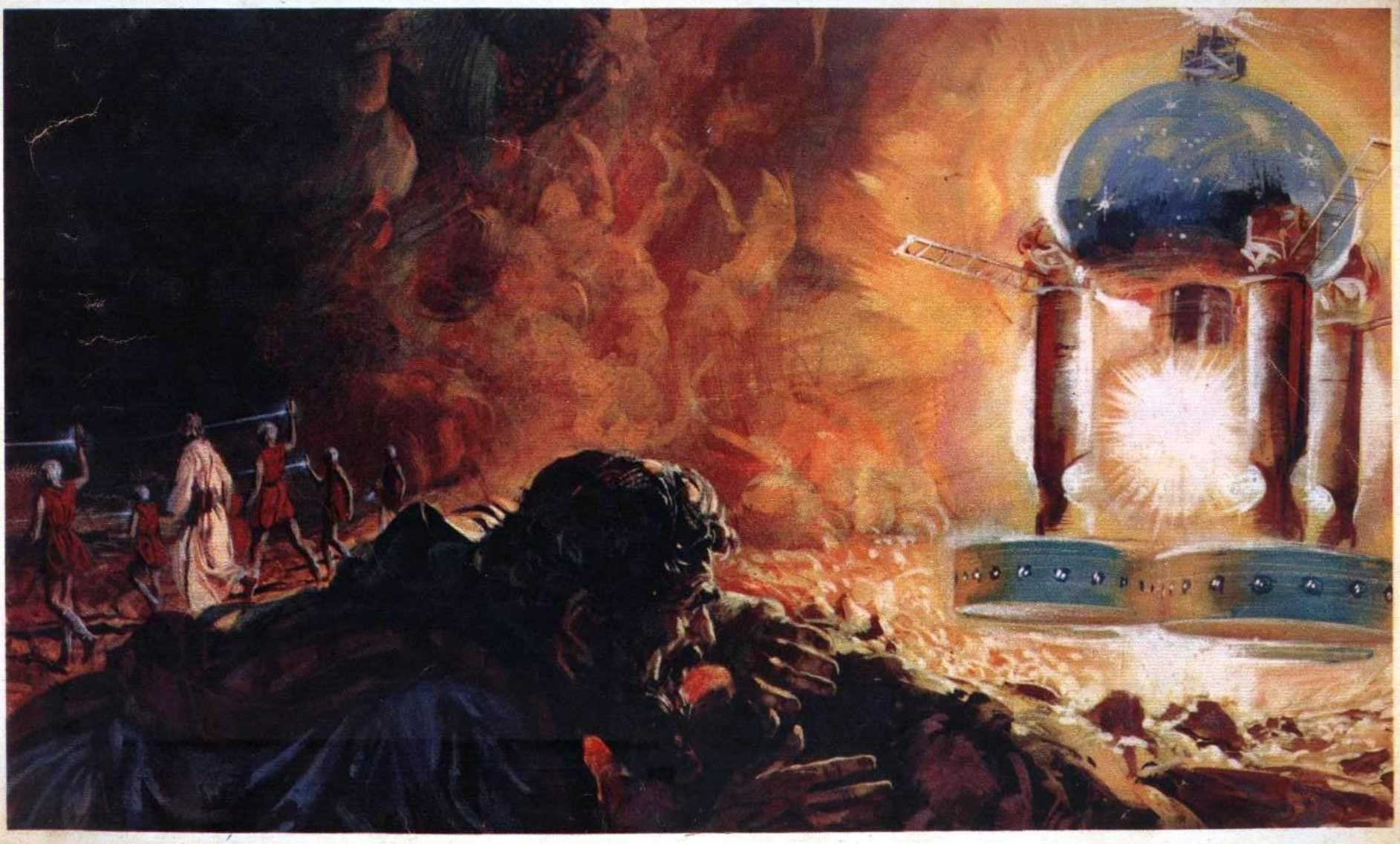
O método de investigação histórica permite, dentro de uma certa medida, sair dêsse mundo de contradições e caminhar em região "não suspeita", mas sempre em reparação a essas duas acusações. Nossos antepassados romanos não conheciam a imprensa, o rádio, a televisão. Por isso, entre êles, os fenômenos de sugestão coletiva, que nos são tão familiares, ou não aconteciam ou aconteciam de modo diferente.

E não é só. Devemos ter em conta que máquinas voadoras, luz elétrica, comunicações, rádio e motores surgiram, no máximo, há uns sessenta anos ou estão se desenvolvendo no último século. Pelos setenta anos de história escrita precedentes, não só as máquinas voadoras não existiam — e por conseguinte não voavam — como também eram dificilmente imagináveis. A literatura nos informa quais foram os esforços de fantasia dos nossos antepassados a propósito disso. Nenhum dêles jamais chegou a cogitar, por exemplo, para o vôo, de alguma coisa diversa do mecanismo de movimento das asas, muito similar às de um pássaro.

Uma vez que os céus então eram desertos e não existia nenhuma fonte de luz proveniente da terra que pudesse refletir-se no alto, podemos eliminar, de improviso, os equívocos. Se Plínio, o Velho, nos fala de "escudos redondos e ardentes" vistos a cruzar o céu de Roma um século antes de Cristo, não podemos, é claro, pensar que se tratasse de simples aviões comerciais, ou de balões-sonda, ou dos faróis de algum automóvel brincando com as nuvens. Tôdas essas coisas não existiam, e Plínio, se viu, viu evidentemente qualquer outra coisa.

Assim, uma cuidadosa pesquisa histórica apresenta passos notáveis e pode permitir algumas conclusões. Conclusões estas que não são nada fáceis, pois logo depois deparamos com um grave obstáculo, conseqüência direta do passo alcançado. Nossos antepassados viviam, naturalmente, num mundo em que a máquina mais complicada era o moinho de vento ou de água, ou mesmo a alavanca. E exatamente por isso suas observações eram extraordinàriamente grosseiras e raramente centralizadas sôbre o que hoje mais nos interessa. Em outras palavras: se pudéssemos ressuscitar uma centena dos antigos romanos do tempo de César, e fizéssemos com que passassem diante de um automóvel, é muito provável que a côr e o som chamassem mais a atenção dêles que a forma. E se tivessem que descrever os faróis, certamente falariam, de boa fé, de "olhos".

Aproximemo-nos então dos nossos antigos pais, do riquíssimo material que êles nos deixaram, e façamos uma primeira constatação: muito raramente se encontra uma civilização qualquer que não nos fale de "homens alados", "carros e rodas alados", "deus do céu e da luz". Os textos hindus são bastante detalhados nesse ponto de vista, e citam, pelo menos, três tipos de rodas aladas e de embarcações navegantes no ar: os *vimanas*. Outras civilizações se limitam a assinalar "remoinhos luminosos", "carros em forma de fuso", "carros providos de asas", "clarões velocíssimos" e coisas no gênero. Mas em tôdas as descrições se encontra um patrimônio conceitual comum: aquêle segundo o qual as mesas voadoras, não importa como sejam feitas, são fornecidas pelos Senhores, pelos Deuses, Criaturas Eleitas, Filhos da Luz. Em suma, por



sêres que não têm nada em comum com os míseros mortais.

Pondo de lado as testemunhas singulares, é muito difícil estabelecer se essas crenças uniformes são o produto de um certo modo de admirar a natureza que o homem primitivo tinha, ou se subentendem algum fato real remotíssimo.

Êsse tipo de perplexidade torna-se predominante quando lançamos mão de outros documentos mais precisos e mais alusivos. Tomemos, por exemplo, a pedra que cobre o sarcófago, descoberto em 1953 em Palenque, no México, no interior de uma pirâmide. Essa pedra tem 3,80 metros de comprimento e 2,20 metros de largura, pesa entre cinco e seis toneladas, e cobre os restos mortais daquele que os descobridores batizaram de *o homem da máscara de jade*, provàvelmente um sacerdote do "deus branco" Kukulkán, que os maias herdaram dos incas.

Não sabemos quase nada sôbre o alfabeto e a língua falada pelos maias, e portanto não podemos decifrar o que está escrito nas bordas do desenho central. Mas, de um certo modo, êle fala por si, porque lá se vê um objeto que se aproxima muitíssimo dos nossos modernos foguetes. A figura humana central (como se vê nesta reportagem) é certamente um maia, vestido à moda de mil e trezentos anos passados. E êle está inserido numa série de linhas que formam o perfil exato de um foguete, dividido em câmaras, com grandes motores na pôpa, e objetos na proa que lembram, de modo surpreendente, os medidores de velocidade que instalamos no nariz de nossos aviões. E mais ainda: daqueles que parecem ser os canos de descarga, na parte posterior, sai uma verdadeira chama encaracolada. E as mãos do "piloto" estão, com tôda evidência, empenhadas em alguma coisa que é difícil imaginar como não sendo uma manobra.

Êste desenho deixa algumas interrogações, às quais, infelizmente, não se pode dar qualquer resposta. Mas é importante assinalar que essa negativa é exatamente a mesma daquela positiva: é verdade que alguns particulares podem ser fruto do acaso, do capricho do artista. Não obstante, isso recorda muito o famoso romance do escritor Russell Maloney que descreve a experiência feita, por curiosidade, por um ricaço americano que alugou seus macacos para ver se era verdade o que dizia a teoria matemática, ou seja, que postos os macacos diante de máquinas de escrever, êles deitavam no papel rios de palavras sem sentido, mas que, no fim, seria também possível sair, por acaso, uma frase "inteligente" e até um livro inteiro. O romance é paradoxal e humorístico, pois os macacos, postos à prova, logo começaram a escrever livros completos e perfeitos em todos os detalhes. Isso é admissível, mas, como todo mundo pode bem compreender, é também perfeitamente improvável.

Quanto ao sarcófago de Palenque, pode se dizer a mesma coisa. Pôsto fora de dúvidas o fato de que o desenho representa uma espécie de aeronave, a probabilidade que isso tenha acontecido como obra do acaso é extraordinàriamente remota.

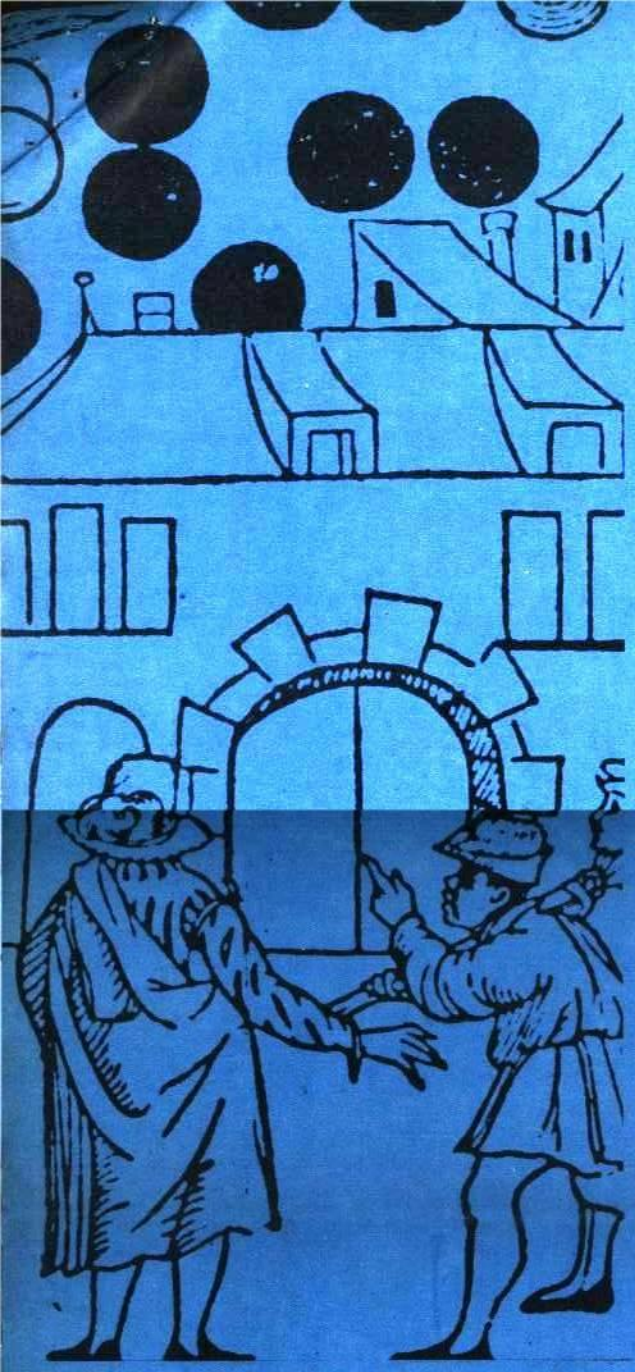
Nesses últimos tempos, a arqueologia tem sido rica em surprêsas dêsse gênero, diante das quais até mesmo um sábio fica embaraçado. Tomemos, por exemplo, as duas estatuetas japonêsas Kanegoaka que reproduzimos nesta mesma reportagem. Trata-se de "sêres" que estão cobertos, um por uma espécie de escafandro, e outro por um macacão cheio de arabescos. Ambos têm sôbre a cabeça um grande elmo de forma ligeiramente diversa, mas todos dois ligados ao corpo do escafandro por uma espécie de colar de parafusos. Um dos elmos é munido de um par de enormes óculos do tipo polar, isto é, com lentes muito estreitas para reduzir a quantidade de luz que penetra por elas. A sugestão que emerge dessas estatuetas é indefinível e precisa. De qualquer modo as mãos substituídas por alguma coisa que parece uma pinça, os curiosos e metálicos braços e pernas cônicos, tôda a atmosfera da qual as figuras são impregnadas, fazem pensar em um mistério que atende a uma explicação de fundo.

Os testemunhos literários deixados por nossos avós acrescem o senso de perplexidade. Como pelo desenho, há sempre a necessidade de uma interpretação, não só da frase, como também de cada palavra, pois muitas vêzes não estamos bem certos do seu preciso valor originário.

Um dos textos mais surpreendentes para a pesquisa que estamos fazendo é, sem dúvida, a Bíblia e todo aquêle grupo de Escrituras que floresceram na mesma época. Encontramos nelas inumeráveis observações sôbre "prodígios" celestes, às vêzes descritos com um nítido senso de espanto. E não faltam certos relatos singulares sôbre "assunções" ao céu, como em Enoc e Elias, em "carros de fogo" ou em "nuvens". Além do significado místico e fantástico de algumas dessas descrições, percebe-se até o sinal de um dado real. Em Enoc, por exemplo, existem três "apócrifos": etíope, eslavo e hebraico, assim chamados por serem os idiomas em que foram propagados. No apócrifo etíope, dividido em cinco partes, a terceira se intitula "Trajetória das Luzes no Céu". Estamos quase certos hoje de que essa não seja outra senão a reunião de um grande número de observações pré-científi-

O céu da Basiléia, como foi visto por cidadãos ignorantes a 7-8-1566. É uma gravura do séc. XVI

em 1904, um navio americano viu



e representa uma formação de discos voadores.

três discos voando em formação

cas de homens que haviam notado objetos riscando o céu e que não eram similares, nem aos cometas, nem aos asteróides, nem às estrêlas e planêtas.

Sem qualquer dúvida, o Livro de Ezequiel, um dos grandes profetas dos Textos Sagrados, é o que, no nosso ponto de vista, mais extraordinàriamente se entrosa. Em suma, Ezequiel nos relata, quase em 200 versículos, haver visto por três vêzes o que êle chama de "Glória do Senhor", e de ter sido levado por ela, em vôo, uma única vez, até a Babilônia, ao campo dos hebreus conduzidos ao cativeiro. Aqui há um claro desequilíbrio na distribuição dos versículos. No Livro, a descrição dessa "Glória do Senhor" ocupa uma parte grande demais em relação ao resto da narração. E mesmo que se pense que Ezequiel desejasse atrair, a todo custo, a atenção dos seus companheiros que haviam sido muito mais atraídos pela cosmopolita Babilônia, também se sente que a parte de crônica supera de longe o intento missionário. É fato que Ezequiel repete com obstinação todos os particulares dessa "Glória do Senhor", esforçando-se para fazer sempre se compreender melhor do que realmente se tratava.

Admitindo-se que não é fácil interpretar todos os versículos, e cada palavra, êles parecem estabelecer que Ezequiel viu, na verdade, uma grande e complexa máquina, luzente como metal, na qual ardia um fogo de grande brilho. O seu esqueleto era constituído por quatro colunas, cada uma montada em uma cópia de asas, e terminando embaixo com uma grande roda. Na parte superior, as colunas terminavam em uma cúpula transparente, "similar a cristal", e sôbre a ponta dessa cúpula havia um objeto de cobre dotado de um grande fulgor. Pela descrição de Ezequiel, sabemos também que todo êsse complexo se movia com grande velocidade, fazendo um barulho semelhante ao trovão, e de modo uniforme. O profeta faz um tremendo esfôrço, e gasta muitos versículos para esclarecer, à sua maneira, que as rodas giravam só quando a máquina se movia, mas que a sua posição relativa às colunas não mudava. E quando a máquina se alçava, também as asas o faziam; quando pousava, essas se abaixavam, e as rodas cessavam de girar. Sente-se que êle dá tudo de si, com um espírito de observação espantoso, para procurar explicar de modo exato o prodígio que viu e que não estava capacitado para compreender.

Como se isso não bastasse, Ezequiel passa a descrever um episódio ainda mais extraordinário. Da máquina saem, chamados por uma voz vibrante, seis homens reunidos no que se poderia chamar de patrulha. Êles se vestem completamente de branco e todos seis têm "suas armas de dissipação" na mão. Com elas, após receber instruções, entram em Jerusalém e a destroem, matando seus habitantes e "contaminando" tudo. A patrulha volta a entrar e o cabo fala: "Fiz tudo segundo tuas ordens". Mas não acaba aí, porque a voz vibrante prescreve que se aproximem das rodas, entrem no meio delas, recolham na luta o material ardente que move a "Glória do Senhor", e derramem-no sôbre a infeliz cidade. O que o homem vestido de branco faz escrupulosamente.

Ainda a Bíblia

Podemos recusar tôdas as interpretações "modernas" dêsse fato, por um lado obscuro até para os estudiosos. Mas a expressão "armas de dissipação" permanece igualmente desconcertante, porque não corresponde a nenhum dos efeitos que um homem do ano 600 a.C. estava habituado a atribuir às armas. Êles podiam cortar, espancar, perfurar, esmagar, mas nunca dissipar nem contaminar. Ezequiel é um dos profetas mais obscuros da Bíblia, e o fato que narramos é um dos mais profundos que encontramos nêle; a expressão "dissipar" é, na realidade, um enigma dentro de um mistério.

Não se pode abandonar a Bíblia sem se falar de Sodoma e Gomorra, nem da mulher de Lot, transformada em sal por estar observando a terrível explosão sob a qual pereceram as duas cidades. Alguns cientistas, sobretudo russos, dedicaram-se com muito empenho a decifrar essa velha história, e muitas das conclusões a que chegaram são surpreendentes. E se torna mais enigmático ainda quando uma expedição submarina inglêsa descobre sob a superfície do Mar Morto as ruínas daquela que poderia muito bem ser Sodoma, petrificada de modo absolutamente fora do comum. Pode ser que alguma catástrofe natural tenha destruído as duas cidades, fazendo-as mesmo afundar no lago. Todavia, se a Bíblia conta que delas, após a destruição, "saía uma fumaça similar à de uma fornalha", e se nos fala de dois homens que, na noite anterior, foram mandados para destruir materialmente as duas cidades e que se defenderam do assalto dos cidadãos espancando-os, talvez possamos supor, no conjunto dos fatos, que nem tudo tenha acontecido de modo tão baixo como sempre pensamos.

O testemunho dos escritores latinos nos leva a pisar um terreno mais seguro e menos fantasioso. Sêneca, Plínio, Tito Lívio e um grande número de historiadores menores citam freqüentemente os "escudos ardentes" além de tôda uma grande côrte de "prodígios" dos quais não estamos melhor informados. Um escudo com centelhas passou no céu de Roma no ano 77 d.C., e um outro, acompanhado de faíscas de luz, já havia sido visto no ano 60. Não se pode também omitir a curiosa origem do pequeno escudo de batalha do exército romano, a *parmula*, que era um círculo perfeito com uma proeminência central. Êsse "modêlo", segundo as lendas, havia chovido do céu, como um dom benéfico de Marte.

Com o passar dos séculos, as testemunhas vão rareando, talvez por uma insuficiente pesquisa dos apaixonados dêsse gênero de estudos. Um certo abade Henry, da Abadia de Ampleforth, em Yorkshire, a 3 de agôsto de 1290, "com enorme terror", viu com seus irmãos um enorme disco prateado voar lentamente sôbre suas cabeças. Há também a passagem de um cortejo de corpos "luminosíssimos e enfileirados" sôbre o convento dos frades menores de Ragusa a 8 de janeiro de 1388, assim como se lê no manuscrito dos mesmos frades. Uma anotação de Pigafetta, o companheiro de Magellano (um tanto fantasioso, como são também os leitores das suas divertidas crônicas de viagem), nos revela que se teria notado sôbre a ilha de Birambota um "disco de fogo". E há ainda os estranhos discos branco-e-prêtos que foram vistos cravados no céu da Basiléia a 7 de agôsto de 1566, assim como documenta fielmente a velha gravura suiça que publicamos neste trabalho.

Nos séculos que se seguem fala-se de uma procissão de objetos luminosos sôbre um grande número de cidades e países: Inglaterra, Alemanha, Espanha, Itália, Estados Unidos. Começaram a ser vistos com extraordinária freqüência também por homens de seguro equilíbrio, como capitães do mar, que escrupulosamente anotam em seus jornais de bordo as suas características.

No século XIX

A 22 de março de 1870, o inglês F. W. Banner, comandante do "Rainha dos Lagos", com mão firme escreve: "... os marinheiros do meu navio viram no céu um curioso objeto voador, fato que me foi imediatamente comunicado. Tinha forma circular e

quando será a invasão da terra?

UMA PESQUISA DIFÍCIL MAS FASCINANTE

Para realizar esta reportagem sôbre a tão discutida questão dos discos voadores, a "Domenica del Corriere" reuniu um grupo de jornalistas que deram a maior garantia de seriedade e competência num trabalho cujo maior risco é ceder à sedução das coisas não demonstradas ou às hipóteses fascinantes. A parte histórica e jornalística foi dirigida por Franco Bandini, enquanto Giancarlo Masini, redator científico do "Corriere della Sera", cuidou do aspecto teórico-científico. Bartolo Pieggi dirigiu as pesquisas que foram as bases do trabalho. A investigação tem por objetivo pôr um ponto, a vinte anos de distância das primeiras "aparições" nesse pós-guerra, sôbre a mais debatida questão das crônicas mundiais. E isso, procurando pôr à disposição do leitor os elementos de validade histórica e técnica que são necessários na orientação de uma matéria optnativa. Na foto acima, uma das numerosas reuniões em que se ordenou, classificou e discutiu o abundantíssimo material. Junto aos jornalistas encontram-se alguns gráficos e desenhistas que cuidaram da parte ilustrativa da reportagem.

ficava parado no céu na altura das nuvens, enquanto essas se moviam com o vento. A observação durou outra meia hora". O "Times" de Londres publica a 26 de setembro de 1870 a "inacreditável" notícia de um objeto voador em oposição à Lua, e pouco depois, a 17 de novembro de 1882, o astrônomo Walter Maunder, do Observatório de Greenwich, descreve aos leitores da revista "Observatory" "um grande disco circular de brilho esverdeado", que em movimento uniforme cortou, ao amanhecer, o horizonte de um lado a outro. Como bom astrônomo, Maunder enriqueceu sua observação com uma série de particulares: "a forma esférica inicial era provàvelmente devida à perspectiva, porque, quando passou o meridiano, tinha uma forma quase igual à de uma elipse alongada".

Naqueles anos, as observações não provinham ùnicamente dos técnicos, mas até do coração da África. Narra o cronista Afework, grande amigo de Menelik, que o exército etíope, marchando para a batalha de Adua, foi amedrontado, a 16 de outubro de 1895, pela passagem de uma "coisa de côr similar ao verde, que deixava um longo rastro de fumaça e que emitia um rumor de

THAT AIRSHIP
NOW AT CHICAGO

City Excited by the Appearance of Rapidly Moving Lights in the Sky.

ASTRONOMERS INCREDULOUS

They Believe That the Lights Proceed from a Star in the Constellation of Orion.

IS A DIRIGIBLE BALLOON.

So Says Secretary Max Harmar, of the Chicago Aeronautical Association.

[BY TELEGRAPH TO THE HERALD.]
CHICAGO, Ill., April 10, 1897.—For weeks despatches have been coming in from various points between here and California regard-

Recorte do "New York Herald", de 10 de abril de 1897, que anuncia a passagem de uma aeronave interplanetária por Chicago. Os astrônomos não acreditaram e a Associação Aeronáutica da cidade afirmou tratar-se de um dirigível. As opiniões divergiram.

trovão". No ano seguinte, a 18 de novembro de 1896, sôbre Sacramento, na Califórnia, apresentou-se uma astronave, que, no dia 21, foi novamente vista sôbre São Francisco e sôbre Oakland. E em 1897 houve um festival "americano" de assinalações: ainda em Sacramento, em Denver, em Nova York, em Kansas City. Nesta última cidade foi visto um enorme corpo escuro oval, sob o qual havia uma fortíssima luz vermelha.

Foi um navio de guerra americano, o "USS Supplu", comandado pelo tenente Frank Schofield, que viu no Atlântico, às 6h10m do dia 28 de fevereiro de 1904, três discos voadores em perfeita formação.

Com a Primeira Guerra Mundial e o advento das máquinas voadoras, balões, e até mesmo foguetes, termina a época "histórica" das visões de objetos misteriosos no céu. Não citamos nem uma pequena parte, mesmo porque um trabalho conjunto de descobertas sôbre êsse tema não foi ainda compilado por alguém. Trata-se, evidentemente, de um estudo terrìvelmente trabalhoso que consiste, essencialmente, na releitura de todos os textos escritos que a humanidade acumulou em cinco ou seis mil anos de sua complicadíssima história.

Contudo, o quanto possuímos basta para se chegar, senão a um convencimento, pelo menos à impressão de que sempre existiram no ar objetos que deixaram o homem perplexo desde as primeiras alvoradas da civilização. Não apresentamos trabalhos literários inequívocos, e relatos que chegam ao limite da credibilidade. Entre as tantas narrativas que podem ser atribuídas à tendência perene do homem de ver projetados no céu os sonhos de sua fantasia, provàvelmente uma, duas ou mais correspondem efetivamente a alguma coisa de real e verdadeiro.

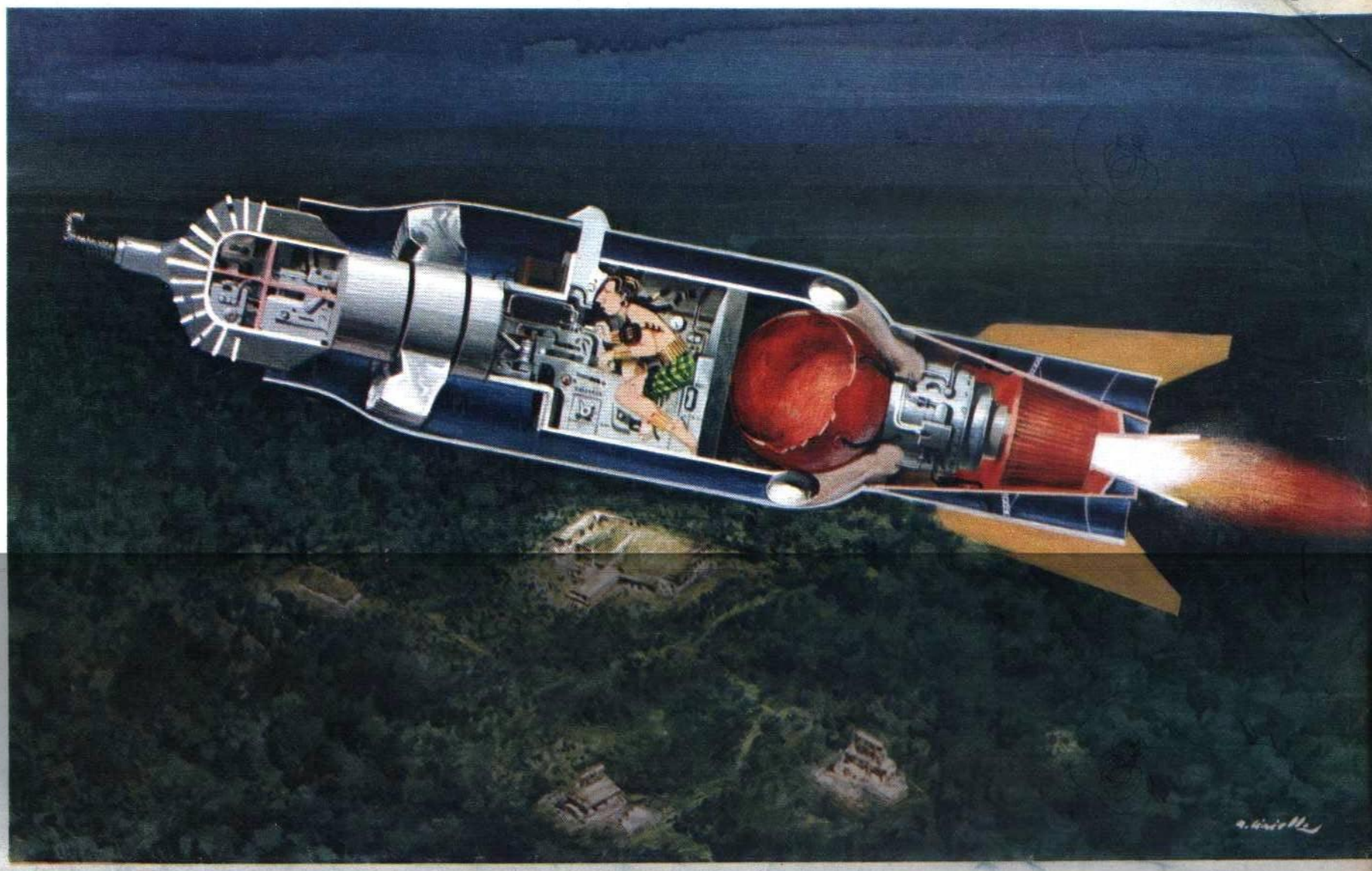
Num certo sentido, pode se repetir, por essa série de fatos, aquêle que já foi verificado uma vez sôbre velhas narrações da primeira humanidade. Seis séculos antes de Cristo, o faraó Necho II mandou um seu almirante para circunavegar a África e entrar no Mediterrâneo por Gibraltar. O que êsse valente marinheiro desconhecido fêz em três anos, demonstrando aquilo que os faraós provàvelmente já sabiam, ou seja, que a África era uma ilha. Mas, tendo Eródoto à frente, os historiadores que narram essa emprêsa durante séculos se divertiram por ter o grande navegador egípcio falado que, navegando ao sul do Continente Negro, tivesse encontrado o sol à direita e não à esquerda. A coisa parecia, e pareceu por muitos séculos, inacreditável, e foi provado que o almirante tivesse contado um monte de mentiras. Mas o tempo lhe fêz a justiça que seus contemporâneos e posteriores imediatos foram incapazes de fazer. Justamente por aquela particularidade, sabemos hoje que "realmente" o almirante de Necho II circunavegou a África há 25 séculos.

Veremos nos próximos artigos desta série como a discussão sôbre a possibilidade de vida em outros mundos sempre estêve aberta, e como foram formuladas teorias interessantíssimas por parte de grupos de cientistas particularmente qualificados. É evi-

O MISTERIOSO CHAPÉU — A Mulher Branca, *de dois metros de altura, que foi descoberta recentemente no centro do Saara. É uma pintura arcaica onde tudo está de acôrdo, à exceção do estranho chapéu, que não aparece em nenhuma outra obra de qualquer outra época. Um estudioso acredita que se trata de uma cópia primitiva de algum modêlo extraterrestre.*

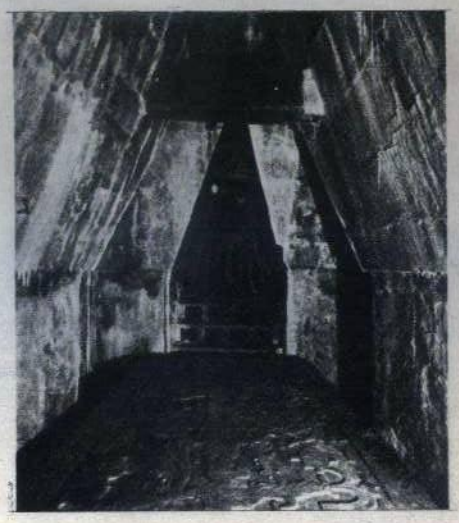
UM CASO CURIOSO — Aquêles que sustentam a existência dos discos voadores apontam êste quadro de Pier della Francesca como uma prova de suas teorias. Trata-se da "Lenda da Cruz", atualmente em Arezzo, por onde se pode notar, nas nuvens à direita, tanto a forma como o sentido, que só podem ser atribuídos a discos voadores estacionados. Fato único.

UMA NOVA FASE INICIADA HÁ 20 ANOS — O "segundo período" dos discos voadores foi iniciado exatamente em 1948, quando Kenneth Arnold, jovem americano de Dakota, observou e descreveu uma formação de pratos no céu de sua cidade. As observações se intensificaram e a aparição dos discos foi considerada real. A foto acima é do disco aparecido em 16 de junho de 1963, no Nôvo México, EUA. O flagrante foi pôsto em dúvida quanto à sua veracidade, acreditando alguns que se trate de uma hábil fotomontagem para fins publicitários ou para servir de simples assunto de jornais.



A ASTRONAVE DE PALENQUE

À esquerda, a pedra encontrada em 1953 em Palenque, México. Representará, com certeza, o deus Kukulkán, devendo ter aproximadamente 1500 anos. No desenho, de origem maia, algumas linhas em vermelho evocam a idéia de uma aeronave até certo ponto moderna, como pode ser comparado na foto acima. Detalhes técnicos, como orifício para entrada de ar colocado anteriormente ao escapamento das chamas, são notados. À direita, o templo de Palenque.

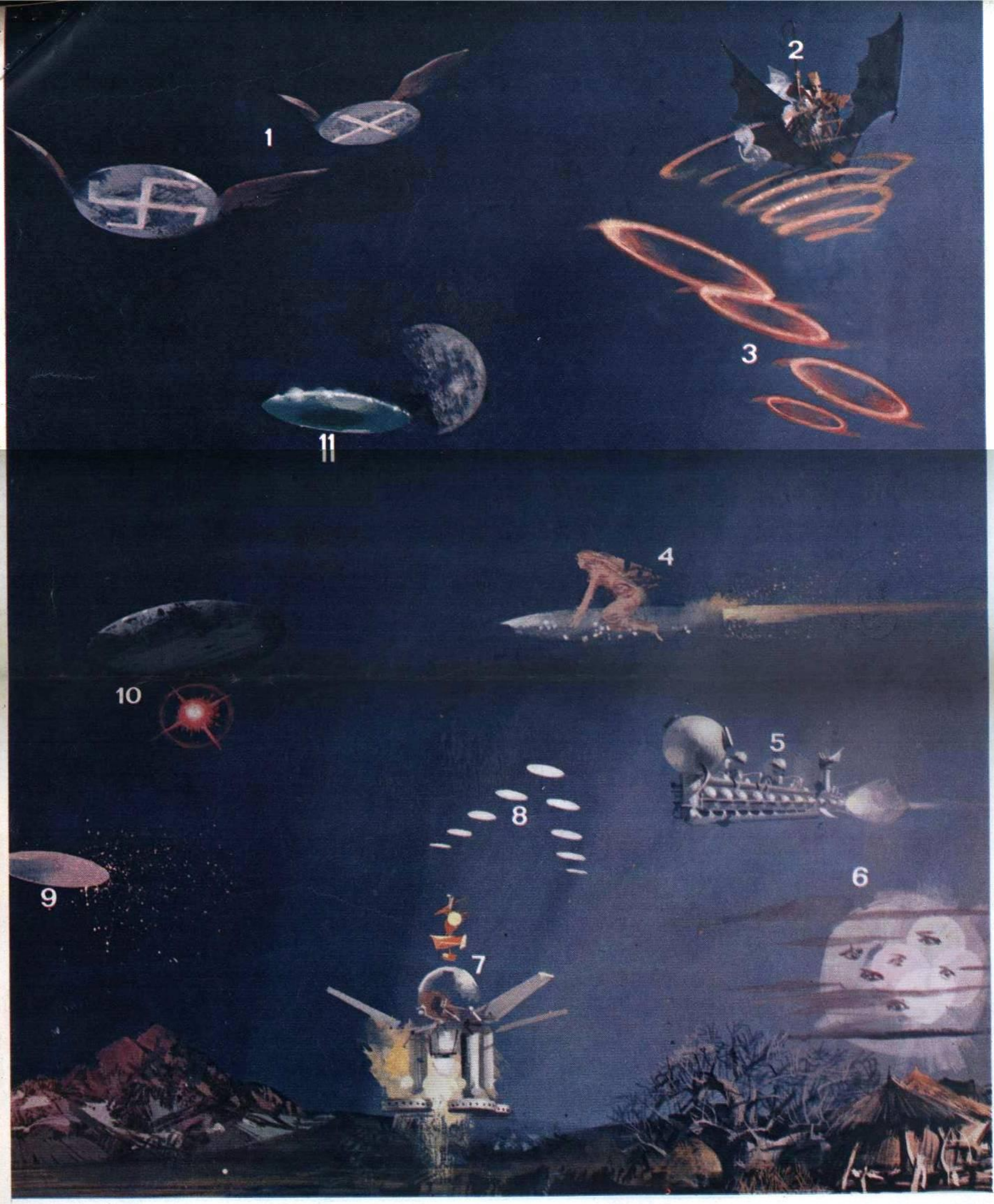


nos EUA, "fotografaram" um disco

dente que, uma vez admitida uma vida inteligente em outros planêtas, essa possa jogar, seja com relação ao futuro, ou com o passado. Não há uma impossibilidade teórica que nos force excluir, em todo e qualquer caso, uma remota visita de "alguém" sôbre nosso planêta nascente. Pelo menos, há uma teoria entre as mais fascinantes que vale a pena ser discutida como "hipótese de trabalho". Nesse mesmo caminho, muitos passos foram dados desde quando, em 1947, o cidadão americano Kenneth Arnold avistou no céu aquela formação de "coisas" que batizou de "pratos voadores", lançando o mundo, contemporâneamente, numa especialíssima febre de fundo histérico da qual ainda não estamos completamente curados.

PEQUENA HISTÓRIA DAS APARIÇÕES

Na gravura à direita estão reunidas algumas fases das aparições que fontes escritas e pictóricas de antepassados nos permitem, hoje, identificar. Algumas aparições são frutos, exclusivamente, da imaginação. Outras, o mistério envolve em dúvidas. Muito raramente, como se apreende no decorrer da reportagem, encontra-se uma civilização antiga que não nos fale de "homens alados" e "objetos alados". Dos hindus aos egípcios e hebreus, a procissão dos discos voadores vem acontecendo ininterruptamente. De acôrdo com a numeração, temos: 1 — as cruzes de fogo de que falam os livros sacros hindus; 2 — ascensão ao céu do profeta Elias; 3 — os círculos de fogo luminosos descritos nos papiros egípcios do Livro dos Mortos; 4 — figura feminina de forma obscura e alongada descrita na Bíblia pelo profeta Zacarias; 5 — astronave cósmica que os cientistas russos acreditam ter visto num baixo-relêvo indiano; 6 — uma interpretação dos "círculos concêntricos cheios de olhos", de Ezequiel; 7 — a máquina do profeta Ezequiel reconstruída baseada em sua descrição; 8 — as formações de corpos luminosos citadas por historiadores gregos; 9 — os "escudos ardentes" de Tito Lívio, soltando centelhas; 10 — o grande corpo obscuro que foi visto sôbre os Estados Unidos no ano de 1897; e 11 — o disco côr-de-esmeralda visto pelo astrônomo Maunder sôbre Greenwich no século passado. Os desenhos que ilustram a página são de autoria de Bruno Faganello.



NO PRÓXIMO NÚMERO — **"663 OBJETOS NO CÉU QUE NINGUÉM ATÉ HOJE EXPLICOU"**

discos voadores
um mistério que atravessa os séculos - II

663 OBJETOS QUE NINGUÉM SOUBE EXPLICAR

Por FRANCO BANDINI, GIANCARLO MASINI e BARTOLO PIEGGI
Exclusividade mundial de DOMENICA DEL CORRIERE e O CRUZEIRO

Êstes dois espetaculares discos voadores foram "fotografados" nos céus de Melburne. A foto, bem sugestiva, pode tratar-se de um truque.

Além dos discos voadores, um acontecimento já vem há muito tempo despertando a atenção dos aficionados no mistério: o problema dos "objetos não identificados". Que serão? Dos 11.074 registros assinalados nos últimos vinte anos, por centros oficiais dos Estados Unidos, seiscentos e sessenta e três se referem justamente a êstes "objetos". E é dêles que tratamos nesta segunda reportagem.

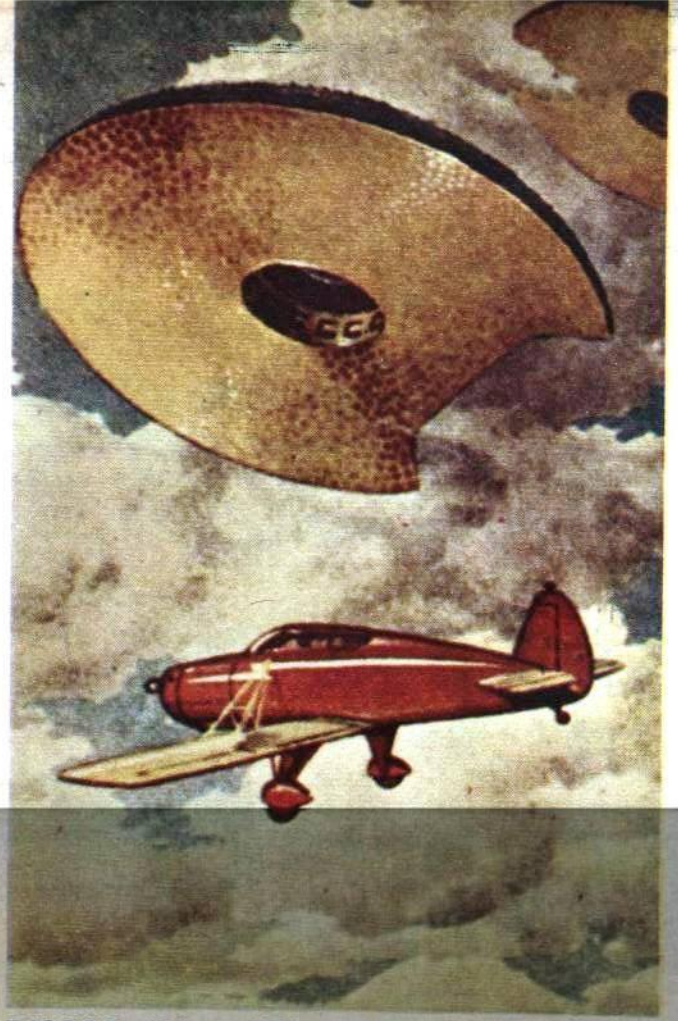
Há vinte anos, exatamente a 24 de junho de 1947, um certo Kenneth Arnold, pilôto civil americano que voava sôbre o Estado de Washington à procura de um aparelho que se acreditava ter caído, viu aproximar-se dêle, ultrapassá-lo e deixá-lo para trás, uma formação de nove discos voadores. Eram similares a gigantescos anéis de bronze, curiosamente gastos de um lado. Tinham um diâmetro não inferior a 35 metros. Kenneth Arnold naquele momento esqueceu-se de sua missão, desceu à Terra impetuosamente e deu ao mundo a notícia fulminante da existência dos "pratos voadores".

Desde então, um cálculo aproximado faz elevar-se a, pelo menos, 150.000 o número das visões, um bom têrço das quais vindas da parte de pessoas esclarecidas. Na prática, excetuando-se banheiras, berços para recém-nascidos e ferros de engomar, já foi visto de tudo no céu, incluindo cafeteiras, bules de chá, piões e chapéus em cilindro. Um "Salão do Disco", realizado há vinte anos, acabou por fazer com que não só a humanidade estupefata, mas também quem se ocupa mais de perto com essas coisas, perdesse o sentido das proporções e provàvelmente o significado mais profundo de certos fenômenos singulares.

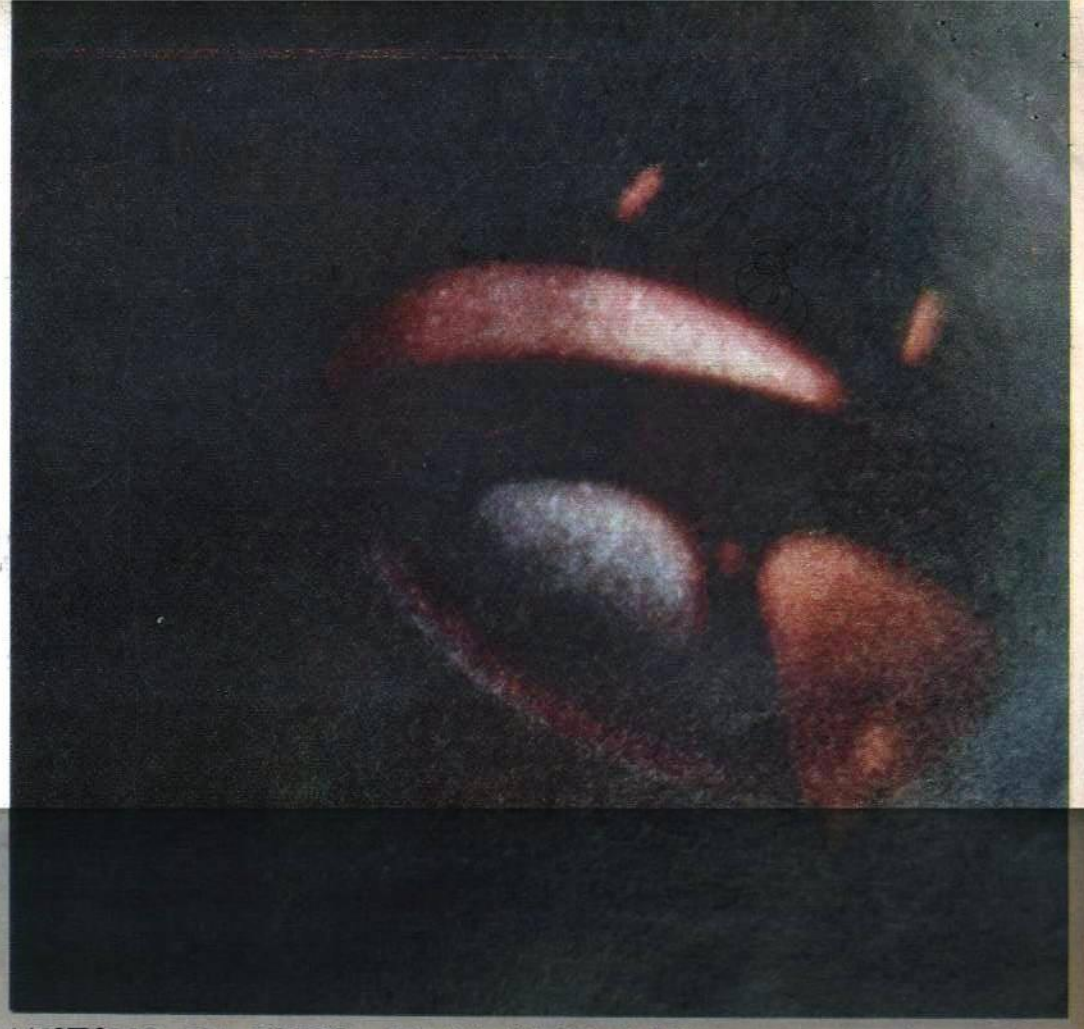
Atualmente, os dois grandes partidos que se formaram quase imediatamente à imagem dessa que pode ser chamada *a questão* encontram-se em posição confortável. Os que acreditam nos "discos", naturalmente divididos em escolas e subescolas das mais variadas côres e matizes, dizem haver acumulado provas bastantes para "documentar" a real existência dêsses falsos "objetos". Porém é justo dizer também que se tratam de provas até certo ponto sugestivas e até mesmo impressionantes. Falta, todavia, aquela prova decisiva. Os "clipeólogos" (assim se chamam, segundo o têrmo latino *clipeus*, que significa escudo) sustentam que as "verdadeiras provas" estão, há anos, nas mãos dos técnicos militares, sobretudo da USAF, a Fôrça Aérea dos Estados Unidos. Mas fica sempre por compreender por que só os militares, e ùnicamente êles, obtêm sucesso em capturar, arquivar e colocar sob chave a "prova verdadeira", que os outros, por mais obstinados que sejam, não são nunca bem sucedidos em reuni-las.

Por seu lado, os técnicos — sobretudo os encarregados das pesquisas — manifestaram uma surpreendente habilidade em publicar comunicados evasivos, verdadeiras obras-primas de diplomacia, em que a arte do "não dizer nada" chega a estágios impensáveis. Dizendo, em resumo, que das 11.074 visões (que são quantas foram denunciadas em vinte anos à sua comissão nos Estados Unidos), 10.411 encontram uma explicação satisfatória em fenômenos absolutamente normais, compreendida a alucinação singular ou coletiva, o equívoco visual com estrêlas e planêtas, as miragens e as inversões. E limitando-se a classificar como "não identificados" os 663 casos restantes. Mas o que significa "não identificados"? E que hipóteses têm sido feitas sôbre um tão grande número de visões, muitas das quais baseadas (e isso se sabe com certeza) até em imagens fotográficas, ainda pouco nítidas? A identificação frustrada — diz-se — não é conseqüência de "dados insuficientes" porque sob essa voz encontramos classificadas, nos últimos doze anos, exatamente 1.248 visões; e depois se trata dos casos nos quais os dados foram suficientes, mas não explicados. A êstes, que são ùnicamente casos americanos, cabe ser acrescentada a massa daqueles que se verificaram no resto do mundo, em número bem maior. Não parece inverossímil que nesses últimos vinte anos tenham ocorrido três ou quatro mil visões não explicáveis em têrmos dos nossos conhecimentos normais. São muitos, demais mesmo, para não constituir um mistério que requer uma explicação.

O número dêsses casos pouco importaria se não fôsse pela "qualidade" de alguns dêles. Nos próximos capítulos dêsse trabalho, vere-



DISCOS NA ROTA *A 24 de junho de 1947, o pilôto civil norte-americano Kenneth Arnold avistou uma formação de nove modernos "pratos voadores" em sua rota. O desenho acima, que correu mundo, é uma reconstrução exata do acontecimento. Os "pratos" tinham nada menos de 35 m de diâmetro.*



MISTÉRIO EM CÔRES *Esta foto foi feita à 1.45 hora da madrugada de 2-8-1965 pelo jovem Alan Smith, em Oklahoma. Segundo alguns entendidos, o objeto fotografado tinha o brilho semelhante ao da Lua Cheia, e podia encontrar-se a um quilômetro e meio da Terra. As luzes captadas piscavam.*

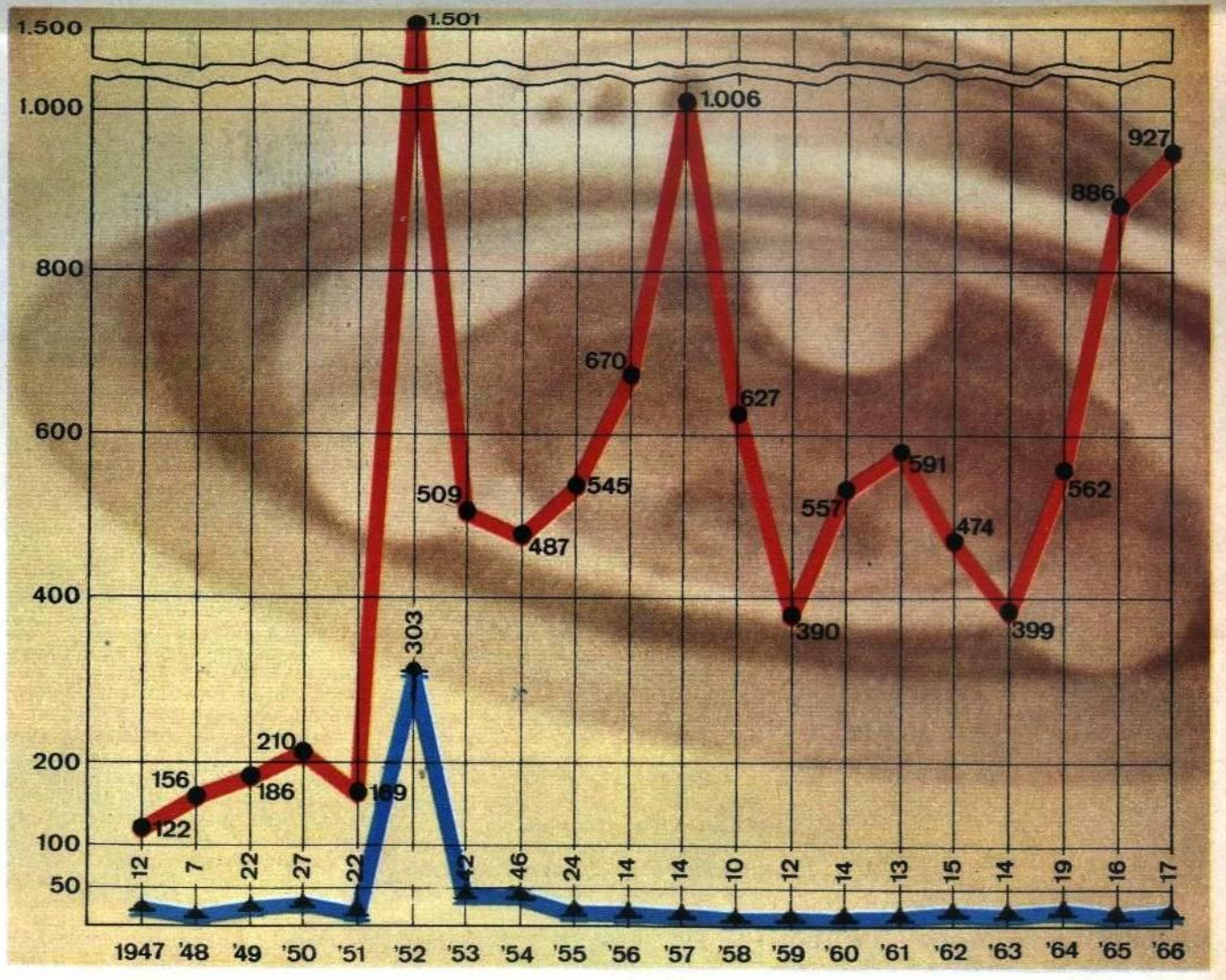
663 objetos que ninguém soube explicar

mos que imenso desfile de enganos, brincadeiras, e mesmo fraudes, se introduziu no rastro dos discos voadores. E quanta gente, nesses cinco lustros, tem procurado uma efêmera notoriedade, ou uma fácil fonte de dinheiro, colocando-se no centro da opinião pública mais crédula. Mas existe uma dúzia de testemunhos, ou melhor, de fatos, que parecem construídos propositadamente para desenfrear as fantasias mais negligentes.

O primeiro, não obstante tenha passado dezenove anos, permanece um dos enigmas mais surpreendentes da nossa época. A 7 de janeiro de 1948, um imenso disco (fa-

A ESTATÍSTICA DAS APARIÇÕES

Chama-se Blue Book *o projeto estadunidense para o estudo das aparições dos "discos". Criado em 1948, êle passou por diversas denominações: "Project Sign", "Project Grudge" e "Project Blue Book", como é conhecido agora. Na prática, trata-se da atividade de pesquisa das fôrças aéreas norte-americanas. No quadro ao lado estão assentadas as estatísticas oficiais das aparições. Em 1952 foram mais intensas. Depois, em 1957. A partir de 1963 a linha oscilatória sobe bruscamente. Mais abaixo, na linha azul, estão indicados os "corpos desconhecidos". No total, são 663.*



UM DISCO A DISTÂNCIA *Eis a foto feita a 8 de agôsto de 1965 por James Lucci, astrônomo amador, em Beaver Falls, Passadena, Califórnia. A singularidade da foto está no fato de que, baseado nas declarações de Lucci, ela foi tirada só com o auxílio de um pequeno telescópio adaptado.*

O ÊRRO FÁCIL *A foto desta bela nebulosa espiral "NGC" foi feita através de um poderoso telescópio astronômico. Com simples amplificações, pode muito bem ser tomada por um disco voador e fotografada como tal. Erros dêste tipo são comuns, e em doze anos êles somaram exatamente oitocentos e cinco.*

lou-se em 80 metros de diâmetro), foi visto sôbre a vertical de Fort Knox, nos Estados Unidos. Foi visto por uma centena de pessoas entre as outras do comando do aeroporto militar local. Um coronel dêsse forte deu imediatamente ordem a uma patrulha de "F-15" já no ar, comandada pelo capitão Thomas Mantell, de ir ao encalço da "coisa". Os "F-15" aproximaram-se e Mantell começou a transmitir breves frases entrecortadas: "A coisa parece de metal e é gigantesca... Agora começa a subir... Vai na mesma velocidade que eu..." A um certo ponto, Mantell ordenou aos dois subordinados seus que descessem e prosseguiu sòzinho, sempre transmitindo. Foram ouvidas outras frases, como de terror, depois mais nada. O aparelho havia explodido, e não se encontrou qualquer fragmento sôbre uma vastíssima área.

Êstes fatos são muito curiosos, e tanto mais se tornam quanto um relatório sôbre o fim de Mantell não consta ter sido nunca publicado pela Fôrça Aérea americana. Não se está nem mesmo em condição de garantir se as frases do capitão foram realmente ditas ou não. Mas o silêncio das fontes oficiais, além de incompreensível, foi sempre interpretado mais como uma confirmação que como um desmentido.

Passemos para 1949, exatamente a 20 de agôsto. Clyde Tombaugh, afamado astrônomo que passou para a história como o descobridor de Plutão, estava descansando em frente de sua casa em Las Cruces, Nôvo México, Estados Unidos, quando, por acaso, muito alto no céu, viu passar oito retângulos de brilho azulado, um ao lado do outro. Forçando a vista, conseguiu entrever uma espécie de enorme fuso, do qual as luzes pareciam como pequenas janelas. "Podem ficar assim surpresos — disse depois — de minha consciência não ter ficado profundamente perturbada". Naquela noite nascia aquilo que os franceses depois batizariam de "le grand cigare", o "grande charuto", quer horizontal, quer vertical.

Mais outro salto, agora para julho de 1952. Dessa vez é uma cadeia de radar, próxima a Washington, que "capta" uma formação de discos. Aviões levantam vôo e vão ao encalço dos discos que, diante dêles, fogem. Gente na Terra os vê, gigantescos à luz da alvorada. Foi realmente a "noite dos discos", com um considerável pânico na população e nenhum desmentido oficial. Os radares que haviam feito a descoberta eram pelo menos sete, e nenhum acabou estragado ou defeituoso.

Mas talvez o caso mais surpreendente, também pelas suas implicações políticas, tenha sido aquêle verificado em julho de 1965, quando um destacamento científico argentino, deslocado na Antártida, viu e fotografou um extraordinário objeto voador de côr ràpidamente mutável, que voava a uma dezena de quilômetros da base dêles. Foi um comunicado oficial do ministério da Marinha argentino que teve o poder de reavivar as velhas polêmicas nascidas em tôrno de nove fotografias feitas em 1957, ao largo de Trinidad, por um fotógrafo a bordo de um antiquado navio de guerra brasileiro empenhado em trabalhos científicos relativos ao ano geofísico internacional. Tratava-se, mais ou menos, do mesmo objeto. E sôbre a autenticidade das fotos, logo contestada pelo govêrno brasileiro, se fêz depois um comunicado "golpe de cena" que as definia autênticas. Fica sob grande mistério todo o lado político da questão e também o fim das fotos famosas.

Há ainda outros fatos de diversos tipos. Entre 1950 e 1955, a série de visões na Europa, diligentemente registradas pelos apaixonados, põe em relêvo um fato sem dúvida extraordinário. Não existiam "ondas que percutissem a opinião pública no mesmo instante. Mas, pelo contrário, os "discos" seguiam uma espécie de escalação geográfica. Êles foram em número elevadíssimo na França em 1950, depois em 1951 apareceram na Alemanha. E em 1952 foram vistos na Itália e, em seguida, sucessivamente na Grécia e na Turquia, seguindo uma espécie de rota geral que ia do oeste ao leste e do norte ao sul.

O que é ortotenia

Não só isso, mas um certo número de aparições permite fundar imediatamente uma ciência novíssima — a *ortotenia*. Alguns cientistas franceses, entre os quais Aimé Michel, notaram que quando fixavam sôbre o mapa geográfico os pontos sucessivos nos quais haviam sido vistos, quase contemporâneamente, discos voadores, obtinham-se geralmente linhas curvas com um raio constante. Quando, ao invés, se tratava de retas, elas se cruzavam em alguns pontos, sempre os mesmos, que foram logo batizados de "focos ortotênicos". Mapas jornalísticos das rotas sôbre a França foram imediatamente feitos. E o conjunto dêles permite estabelecer que, se se tratava de sugestão coletiva, ela obedecia a leis bem estranhas.

Na Itália, aconteceram episódios surpreendentes legados a êsse gênero de considerações. Em 1954, apareceu um objeto luminoso que seguiu uma rota circular de Brindisi a Viena. Foi visto talvez por milhares de pessoas que, òbviamente, não puderam estar de acôrdo antes. Foi fácil, pelas horas de sua aparição, deduzir que êle seguia a sua rota com velocidade constante, aproximadamente a 2.500 quilômetros horários. Posta a sua trajetória sôbre o mapa, constatou-se um círculo perfeito com o centro no norte da Iugoslávia.

Dois anos depois o mesmo corpo, ou um similar, reapareceu numa rota inversa, e desviada com relação à primeira de 200 quilômetros. Mas sempre circular e sempre com o mesmo centro.

Compilamos algumas considerações, e alguns fatos, entre os mais salientes dêsses últimos vinte anos. Não são os únicos, mas certamente os mais importantes. Ao contrário, não há aí uma imensa legião completamente destituída de fundamento, boa, no máximo, para enturbar águas já passivelmente misteriosas e desconcertantes. Entre os elementos dessa segunda categoria estão, em primeira linha, sem qualquer dúvida, as fotografias "alteradas" que, com regularidade, a imprensa de todo o mundo publica a êsse respeito. E pertencem à mesma categoria dos falsos as numerosíssimas narrações sôbre "marcianos" descobertos, vistos e capturados aqui e ali, geralmente em zonas desertas e desprovidas de testemunhas. Não passa dia sem que desponte, no México como na Itália, na Austrália como na civilizada e avançada Inglaterra, alguém que narre ter sido raptado por um "disco" e levado a passeio talvez em direção a Vênus. E de ter tido diálogos filosóficos com os

UMA FOTO EM QUESTÃO

À esquerda, a fotografia tirada a 16 de junho de 1963 próximo a Albuquerque, em Nôvo México, EUA. A visão não foi tida como válida nem mesmo pelos órgãos e associações que sustentam, com empenho, a existência dos discos. Foi acusada de fazer parte de uma série largamente explorada para fins publicitários e comerciais.

O CÁLCULO DO FANTÁSTICO

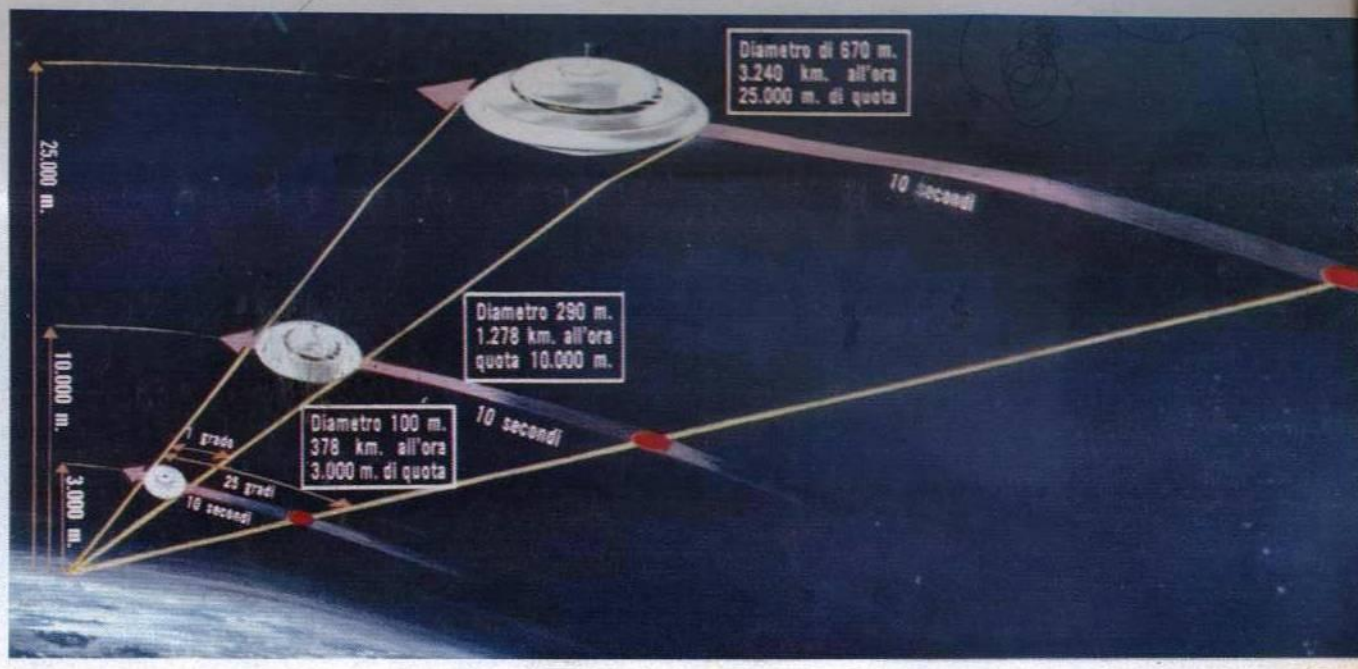
Um corpo voador se caracteriza por três elementos fundamentais: grandeza, altura e velocidade. Se conhecemos um dos três elementos, torna-se fácil reconstruir os outros. Isso acontece com os aviões, dos quais nos é familiar a grandeza. No desenho abaixo vemos 3 discos perfeitamente iguais à forma, todos 3 observados no ângulo de um grau da Terra. Supõe-se que êles completem, em 10 seg., um arco de vinte e cinco graus. Nas três tabelas abaixo estão refigurados três possíveis casos, cada um com seus valôres relativos diferentes de altura, velocidade e dimensão.

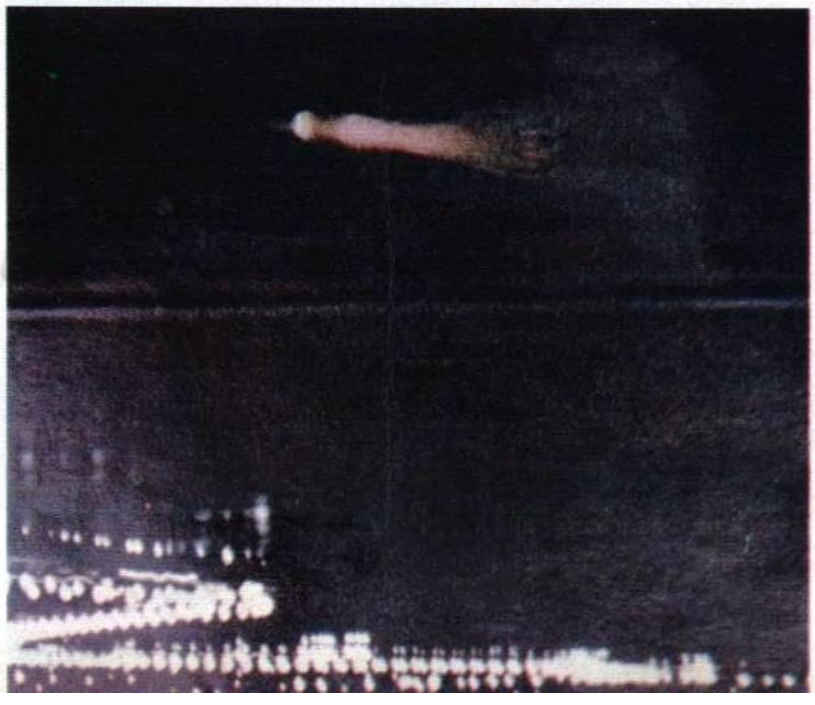
seus habitantes, sempre sapientíssimos e poderosíssimos, preocupados com o nosso bem e com o nosso futuro. Em tôrno a essas "partidas para o fantástico", foram criadas nada mais que filosofias e seitas de fundo religioso. A psicologia tem sido coagida a ocupar-se do argumento que constitui, enfim, uma parte da paranóia em vários graus. Naturalmente precedida da literatura, que encontrou nos "discos" uma dimensão e uma possibilidade novas.

Assim, os "pratos" vistos por Kenneth Arnold há vinte anos já se tornaram parte integrante da nossa vida, sem que alguém possa dizer nada de plausível sôbre sua realidade. É provável, entretanto, que o mundo esteja na vigília de alguma coisa de decisivo a êsse respeito, desde que realmente, nesse último período, os órgãos oficiais americanos decidiram não bloquear tôdas as informações em poder dêles para confiá-las, com notável deliberação governativa, a institutos universitários de pesquisa. A medida se presta a várias interpretações. Mas, como veremos pròximamente, trançando a história das posições oficiais da ciência e do govêrno americano sôbre a matéria, há sintomas que permitem deduzir que a decisão seja legada mais a uma resposta positiva sôbre a existência dos "discos", que a oposta. Pode, por isso mesmo, acontecer que o ano de 1968 nos leve a rever, de forma que ainda não conhecemos, a nossa posição fundamentalmente cética.

UM DISCO NA SOMBRA

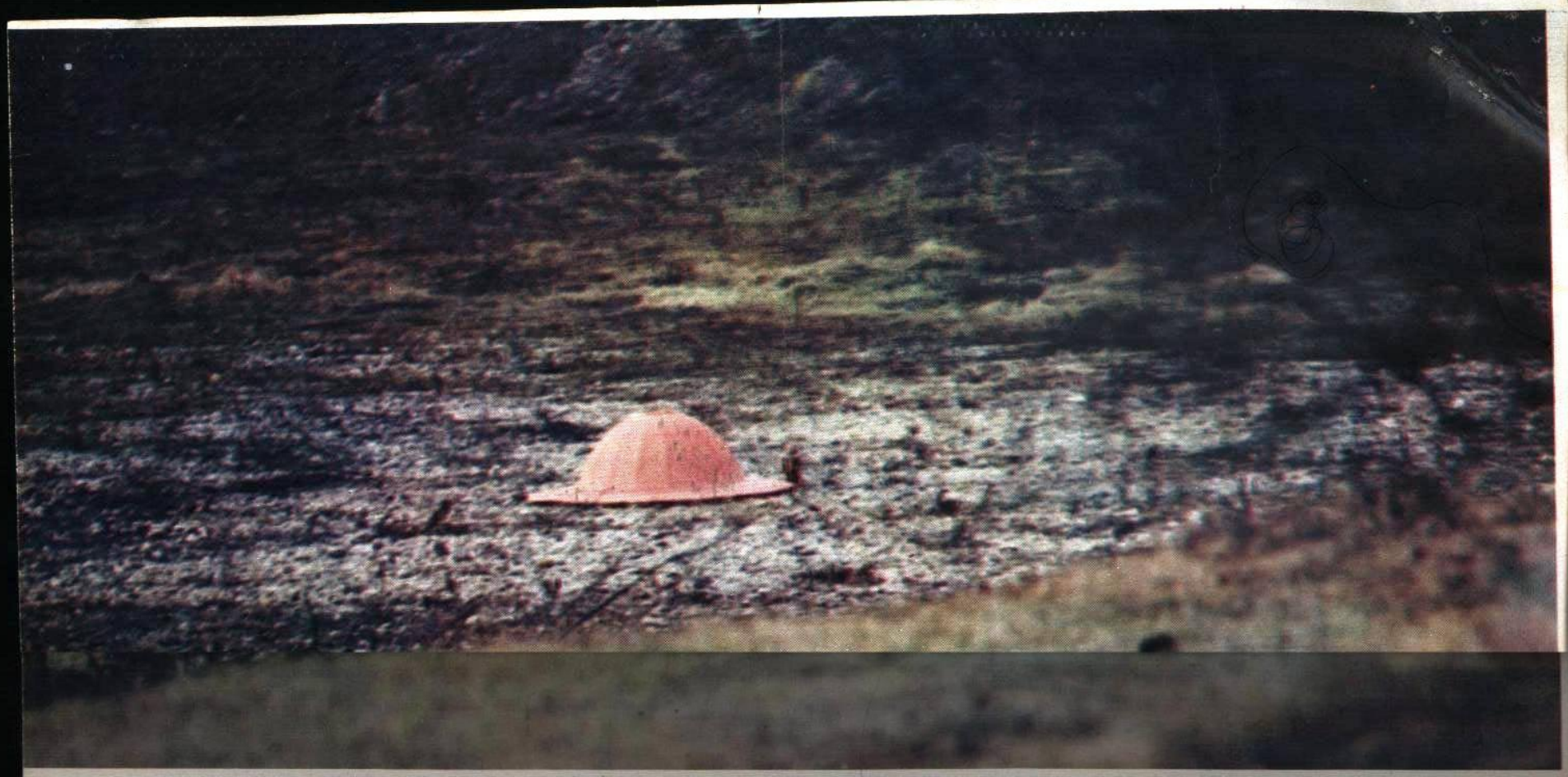
À direita, a fotografia noturna de uma espécie de foguete surpreendido no espaço de Oakland, Califórnia, em dezembro de 1965. As fotos noturnas são também as mais suspeitas, pois os detalhes das alterações esfumam-se no negro e no azul intenso, tornando-se difícil o contrôle. Os Estados Unidos estão reprimindo a publicação de fotos que não tenham sua autenticidade reconhecida por órgãos oficiais.





À direita: 1 — o "anel de bronze" visto por Kenneth Arnold em 1947; 2 — uma espécie de luz retangular prateada fotografada no Japão em 20 de junho de 57; 3 — o popular disco de George Adamsky, em que êle garante ter sido "hóspede" por alguns dias; 4 — o objeto vermelho em forma de halteres visto em Milão em 1954; 5 — uma bola de fogo vista por W. Rinaldi em Modena, a 17 de outubro de 1960; 6 — em setembro de 63 foi visto êste corpo esponjoso dotado de luz; 7 — lamparina incandescente vista em Milão em 1962; 8 — o clássico disco inglês de 1965 e 1966; 9 — o disco "esqualo" observado em Pescara em 1961; 10 — o disco que apareceu nas cataratas do Niágara em 1964; 11 — 2 discos vistos na Austrália; 12 — o "grande charuto" de Clyde Tombaugh, visto em 1949; 13 — outra aparição em Milão em 1962; 14 e 15 — dois discos vistos juntos em janeiro de 65, na França; e 16 — o disco em forma de pião visto no México durante uma semana.

NO PRÓXIMO NÚMERO: **"OS FALSOS DISCOS VOADORES"**



A revista italiana "Domenica" construiu um "disco" e fê-lo sobrevoar Milão. Chegou ao requinte de fotografar um "marciano" ao seu lado.

DISCOS VOADORES: um mistério que atravessa os séculos — III

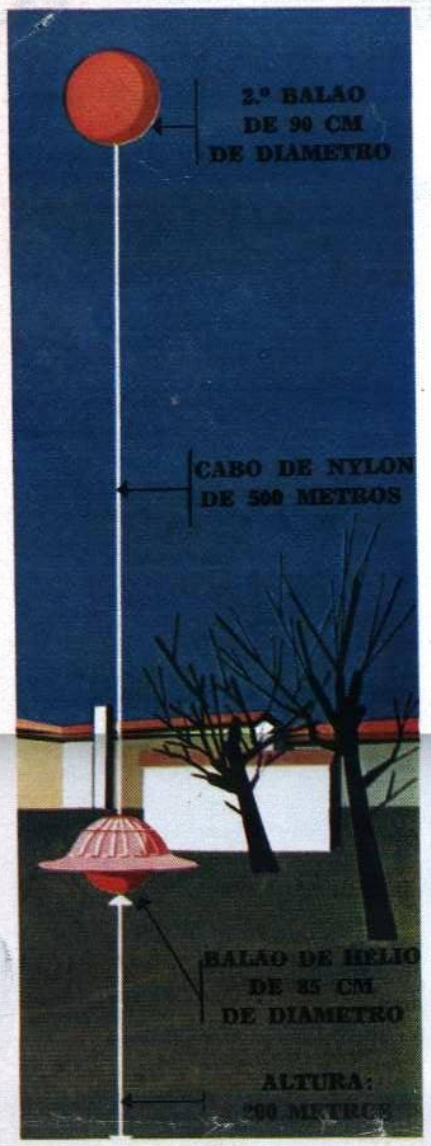
A FÉRTIL INDÚSTRIA DOS DISCOS FALSOS

Por FRANCO BANDINI, GIANCARLO MASINI e BARTOLO PIEGGI

Três momentos do grande "disco" de dois metros de diâmetro construído pela revista "Domenica". Acima, quando o objeto sobrevoava Milão. À direita, em cima, a primeira fase de sua construção. Seu pêso total não ultrapassou 400 gramas. Abaixo, o "disco", quando era observado, sem maiores comentários, pelos operários da refinaria de Pero. Apesar do imprevisto, poucos se importaram.

Todos os dias, em alguma parte do mundo, novos "discos" aparecem. Os processos para obter boas fotografias de "discos voadores" hàbilmente falsificadas surgem às dezenas, nas mais incríveis circunstâncias. Nesta reportagem, fixamos os principais casos que tiveram ressonância internacional.

A história não nos transmitiu o nome daquele que primeiro realizou um "truque" fotográfico de disco voador. Contudo, se o não conhecemos, podemos estar certos de que a inspiração decisiva lhe veio realmente dêste têrmo: "disco". De fato, é facílimo tomar uma vasilha, um lustre, um pequeno prato ou um disco fonográfico, atirá-los para cima e, evidentemente com rapidez, fotografá-los. Se houver cuidado de focalizar um pouco o fundo e de fazer uma exposição um tanto longa — de modo que o disco, pela sua velocidade, venha naturalmente acelerado — podem-se obter imagens muito sugestivas. Bem diferente teria sido se Kenneth Arnold, em 24 de junho de 1947, houvesse visto voar acima de sua cabeça dragões voadores, ou simples-



Este foi o esquema de funcionamento do falso disco. Era sustentado por um balão cheio de hélio, de 85 cm de diâmetro, e ainda por um segundo balão, a 500 metros de distância e, portanto, fora de vista. O "disco", pintado de vermelho, levantou vôo a 16 de fevereiro.

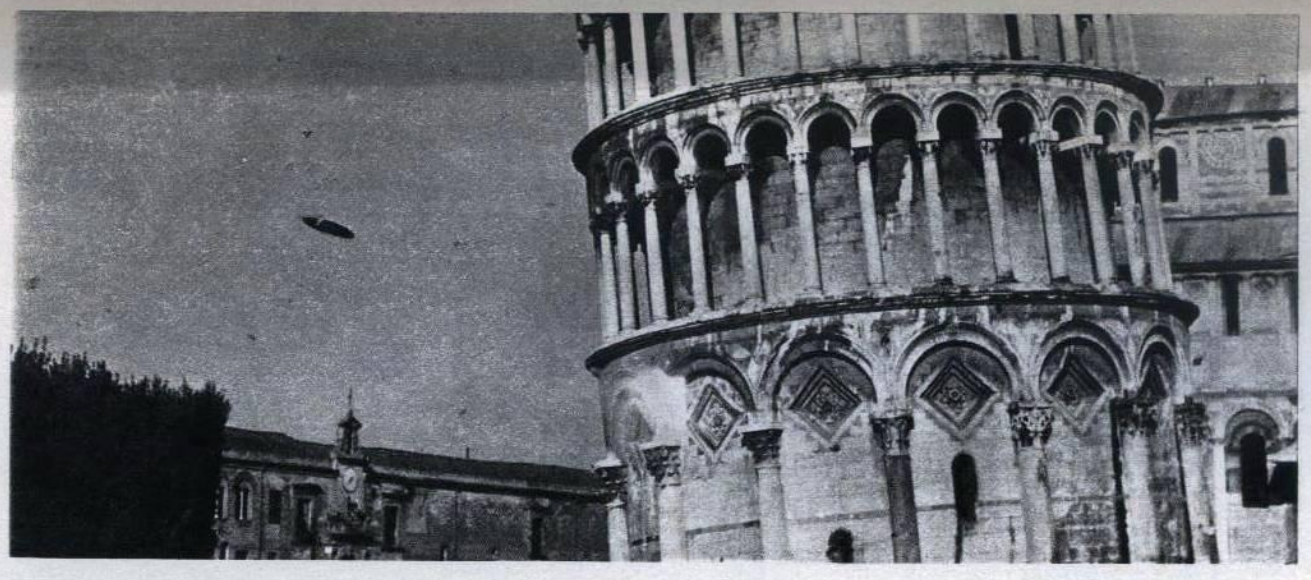
mente aeronaves de forma inusitada: os truques se teriam reduzido grandemente de número e as mesas das redações de todo o globo estariam hoje menos abarrotadas de falsos "testemunhos".

Nem sempre é possível distinguir um truque, mesmo com os meios de pesquisa da técnica moderna, porque quem o executa age levando em conta que os seus negativos serão depois submetidos a minucioso exame. E previne-se, realizando truques extraordinàriamente interessantes. Enfim, conhecemos muito bem os principais métodos utilizados, mas não se pode negar que sejam descobertos novos, sempre mais requintados, visto que um semanário pode chegar a pagar por uma foto de discos, dada como autêntica, de cem a duzentas mil liras.

Como foi dito, o meio mais simples é o de lançar para o ar um objeto arredondado e fotografá-lo. Pode-se, porém, fàcilmente descobrir êsse truque examinando o negativo e conhecendo a máquina que foi usada na foto: se o objeto está em foco e a linha do horizonte (árvores, casas, etc.) não está, significa que o objeto se encontra entre o infinito e a máquina. Por isso, é bastante fácil deduzir que se trata de modêlo pequeno, sem dúvida, pratos ou semelhantes. Ninguém pode negar que existam "discos" habitados por criaturas de outros mundos,

UM SUSTO QUE VEM DO ALTO

Impelido por um forte vento e girando sôbre si mesmo, o "disco" fabricado apenas elevara-se do solo e preparava-se para sobrevoar Milão, quando uma mulher o vê passar por sua cabeça, a uma altura de 15 metros. Tomada de susto, pôs-se a correr. O disco-balão era provido de um engenhoso dispositivo que lhe permitia uma lenta subida: uma esponja embebida em água, cujo pêso quase equilibrava o impulso ascensional dos dois balões. Com a gradual evaporação do líquido, o sistema tornava-se gradativamente mais ligeiro, aumentando a altura. E o balão começava a subir.



ESSAS INCRÍVEIS MÁQUINAS VOADORAS

Dois aeromodeiistas italianos, Piero Agostini e Piero Gnesi, construíram em 1952 alguns modelos de discos voadores que sobrevoaram a tôrre de Pisa, num perfeito funcionamento e em meio à alegria de populares. No alto, à esquerda, um dos modelos visto de lado. Acima, a pequena frota em formação. À esquerda, o vôo ao redor da tôrre. O trem de decolagem servia apenas para a decolagem, sendo abandonado em seguida. A tração corria por conta de um pequeno motor de 2,5 cm de cilindrada. A forma de disco, em aerodinâmica, é uma das mais difíceis, e tôdas as tentativas feitas para construir estruturas dêste tipo foram abandonadas.

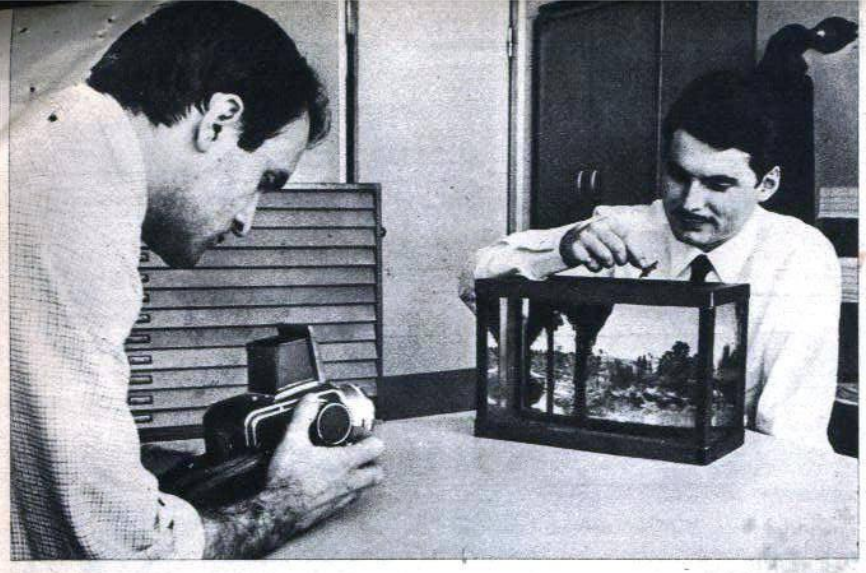
do tamanho de moedas de cem liras, mas isto pouco se harmoniza com as descrições comuns dos "verdadeiros" discos, segundo as quais se trata sempre de tortas, com diâmetro de dez a oitenta metros, pelo menos.

Construir um disco bastante grande e fazê-lo voar é realmente um empreendimento árduo. Um modesto aeromodelista consegue pôr no ar modelos com extensão até de três metros, com ou sem motor. Porém, encontraria dificuldades quase insuperáveis se quisesse fazer voar um disco de igual diâmetro, visto que esta forma, chamada lenticular, é inadequada para sustentar-se e mover-se no ar, quer a baixa, quer a alta velocidade. Nem mesmo uma ligeira rotação em tôrno do eixo central melhora as más qualidades aerodinâmicas de um disco, à parte tôda a complicada série de problemas giroscópicos que esta criaria. Por isso, a única solução é a de fazer voar, eventualmente, falsos discos cuja sustentação seja confiada a um simples e vulgaríssimo balão cheio de gás leve, hidrogênio ou hélio. Foi o que fêz a Revista "Domenica", e aqui reproduzido por O CRUZEIRO, visando a ilustrar para os leitores esta possibilidade, mostrando os resultados obtidos. Veremos mais adiante, porém, os limites de semelhante truque.

Obtêm-se efeitos divertidos com um aquário de peixes comum, atrás do qual seja fixada uma fotografia panorâmica de cidade ou de campo, não importa. Basta que se veja o céu, onde deverá mostrar-se o nosso "disco voador". Cheio de água o recipiente e colocado diante de uma máquina fotográfica, faz-se descer da superfície, no líquido, um pequeno modêlo, convenientemente lastrado, de disco voador. Bate-se a foto quando êle, descendo lentamente, se encontra no ponto que mais agradar do cenário posterior. Os requintados podem também pulve-

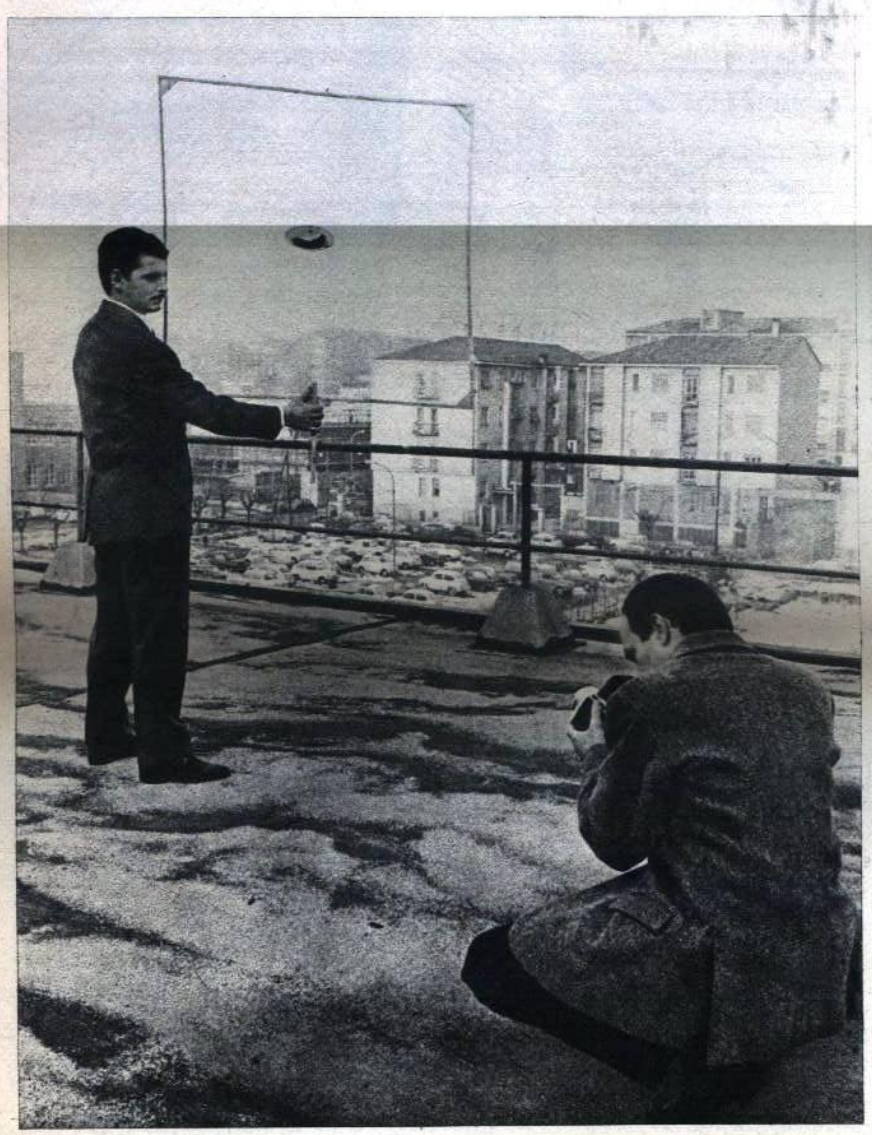
UMA VISÃO NO MAR DO NORTE

A 5 de maio de 1660, duas pequenas unidades de guerra francesas, que navegavam no Mar do Norte, viram no céu um "maravilhoso meteoro" que se deslocava lentamente e parecia composto de dois discos de tamanhos diferentes. Provàvelmente, tratava-se de um fenômeno de difração atmosférica com a decomposição da imagem do sol. O quadro à direita que reproduz o fenômeno pertence ao volume "Theatrum Orbis Terrarum", de Blaeuw, existente no Museu de História da Ciência, em Florença. É raro no mundo.



O TRUQUE PERFEITO: COMO FAZÊ-LO

Basta um pequeno aquário com uma paisagem colada atrás e o modêlo de um disco para obter-se uma boa foto, como acima. À esquerda, a execução do truque. O pêso é feito por três chumbos colados embaixo.



PARA FILMES EM ESPECIAL

Agora, uma moldura recoberta de celofane. Ao centro, a reprodução colada de um disco serve para filmar e fotografar, tendo ao fundo o cenário real da cidade. À esquerda, o truque. Acima, uma foto obtida.

SÒMENTE PARA FOTÓGRAFOS MUITO HÁBEIS

A esquerda, a fotografia levada em 1959 à redação do "Daily Express", de Londres, por dois estudantes inglêses. Representa um disco sobrevoando o Parlamento britânico. Trata-se, porém, do resultado de uma hábil fotomontagem, em que até as sombras projetadas pelo sol coincidem, no disco e no edifício.

A FÉRTIL INDÚSTRIA DOS DISCOS FALSOS

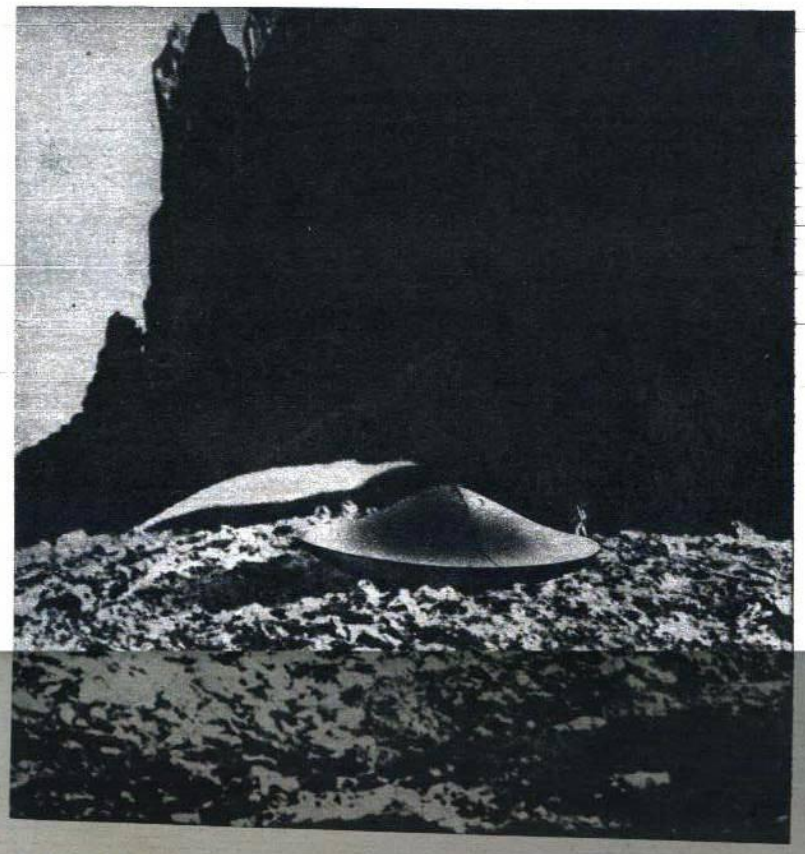
rizar de talco boratado ou areia: então o "disco", com um pequeno impulso, deixa um rastro de belíssimo efeito. Naturalmente é necessário focalizar um pouco e depois copiar a foto de modo que não se veja nenhum elemento do aquário.

Para os discos ainda mais misteriosos, o modêlo pode ser substituído por objetos ou líquidos apropriados: pedrinhas, moedas, pequenas tampas, gôtas de cola de marceneiro óleo de linhaça, óleo de rícino, bastõezinhos de cânfora convenientemente lastrados. Pode-se dizer que são infinitas as soluções e tôdas boas: quanto mais estranhas as formas, melhor.

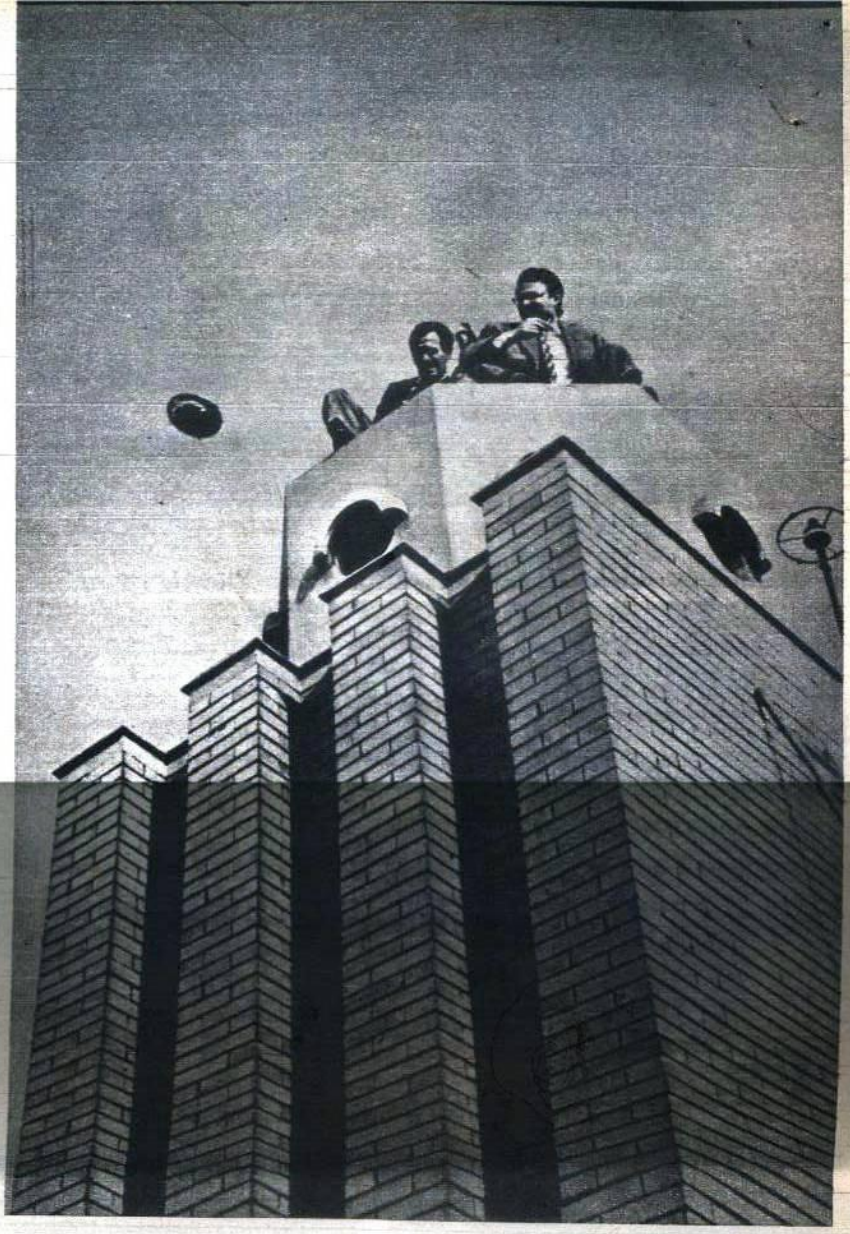
Existem numerosos filmes de "discos voadores". Em 1964, um dos autores desta reportagem foi chamado a uma aldeia importante próxima de Milão, à noite, e, com uma série de precauções dignas de romance policial, foi-lhe mostrado por um grupo de pessoas um longo filme, em que se via distintamente um disco que executava manobras no céu, defronte de uma janela, atrás da qual, evidentemente, se encontrava o operador da filmagem. Como o disco ia e vinha diante dos detalhes do horizonte, demonstrando ser assim um objeto real, o jornalista ficou um tanto impressionado e não soube no momento o que pensar. Sòmente muito tempo depois, refletindo em todo o conjunto do filme, percebeu que havia uma coisa algo estranha: por que é que o operador permanecia atrás da janela, de onde sempre fazia o enquadramento do fotograma, como se já soubesse que o "disco" evoluiria de qualquer maneira dentro daquele retângulo? Os apresentadores do filme sustentavam que isto ocorrera porque o "disco" **obedecia** ao cineamador, pois que fôra "chamado" por êste (falaremos em outro capítulo dessa estranhíssima ligação que algumas pessoas afirmam ter com os "extraterrenos"), mas evidentemente era outra a razão. Com tôdas as probabilidades, o desconhecido autor do truque utilizara um painel móvel acionado diante da janela, recoberto de papel transparente. Sôbre êste fôra pintado o afável "disco" visitante. O sistema é ilustrado nesta reportagem, embora com um painel menor: mas é possível também construir painéis de grandes dimensões e muito distantes da máquina de filmar, fazendo-se então "voar" discos muito grandes.

Quando o ambiente que se deseja "documentar" é escuro, surgem muitas dificuldades. Sôbre um pavimento ou até sôbre um compacto muro cinzento é possível mover ou mesmo fotografar qualquer objeto iluminado por luz rasante, com efeitos esplêndidos. Com a objetiva totalmente aberta, pode-se fazer girar uma bolinha de vidro, também iluminada, deixando "rastos" muito sugestivos. Não há dúvida nenhuma de que muitíssimos truques foram obtidos exatamente assim.

Em 5 de maio de 1959, dois estudantes inglêses, Brian Whitelaw e Frank Channel, apresentaram-se, em Londres, ao "Daily Express", e exibiram, com ar inocente. uma máquina fotográfica: "Aqui dentro — disseram aos jornalistas que logo os atenderam — há um disco voador, que fotografamos verticalmente na Tôrre do Parlamento". A película foi revelada e ampliada: ali estava efetivamente um belo disco tipo "Adamsky", límpido e diáfano, suspenso no céu, a poucos metros da bandeira britânica, içada no tôpo do edifício. Os redatores do "Daily Express", porém, tiveram pouca dificuldade para descobrir que se tratava de uma "dupla exposição", bastante



O desenho é outro meio muito utilizado para realizar bons truques. Quando, em tôda a Itália, houve uma celeuma provocada pelas fotografias (dadas por autênticas) vendidas por um milanês a uma revista, o fotógrafo Giancolombo, com a ajuda de um bom pintor, resolveu produzir esta fotografia, utilizando como fundo os Três Picos de Lavaredo. Teòricamente, se o pintor usa uma grande ampliação e respeita a trama imperceptível da fotografia ("película"), consegue falsificações que desafiam até os técnicos.



Êste é o truque mais simples e de extraordinária facilidade de execução. Basta lançar um objeto redondo (de preferência, de cima para baixo) e fotografá-lo. No caso acima, trata-se de 2 pratos de estanho soldados e providos de 4 pequenos foguetes em diagonal em relação ao diâmetro. Um instante antes do lançamento, os foguetes são acesos e projetam-se.

hábil. Depois de três horas de interrogatório os estudantes deram-se por vencidos e confessaram que haviam inventado o truque para ganhar as mil libras esterlinas, que o jornal oferecera de prêmio a quem trouxesse uma foto autêntica de "discos voadores". Primeiramente — explicaram — tinham fotografado o Parlamento e depois, em câmara escura, a reprodução de um disco colada sôbre um vidro, e bem iluminada.

Whitelaw e Channell não eram os primeiros "duplos expositores", mas foram dois dos poucos descobertos: de fato, quase ninguém tem interêsse de revelar pùblicamente os truques realizados. Um truque fotográfico não constitui delito, exceto se servir de suporte para uma real e verdadeira trapaça. Porém, a maioria dos criadores de truques não objetivam lucro: basta-lhes a glória de ver a fotografia publicada. Para alguns dêstes, ocorre até armar-se um romance sôbre o engôdo, ou tornar-se personagem de uma polêmica, em que se chega a criar uma especial "dupla verdade", no fundo, surpreendente. É o caso de um empregado italiano que, há alguns anos, conseguiu vender por 300 mil liras a uma revista, de Milão, uma série de fotografias batidas no alto de uma montanha, em que se via um disco, primeiro voando, depois em terra, e com formas indistintas que lembravam sêres vivos de uma espécie estranha. A revista acreditou que as fotos pudessem ser autênticas e determinou que se fizesse imediatamente a capa com uma delas. Todavia, no último instante, o empregado tomou-se de grande pavor sôbre as conseqüências daquilo que êle sabia perfeitamente ser um engôdo e telefonou dizendo com voz trêmula a verdade: utilizara no jardim de sua casa, sôbre alguns pedregulhos, nada mais que um botão. Não havia mais tempo para a revista mudar a capa, mas conseguiu salvar-se, in extremis, com uma faixa sôbre-impressa que reformulava a notícia.

A parte mais divertida do caso é que alguns apaixonados de "discos voadores" sustentam ainda que, na realidade, as fotos eram verdadeiras: mas que o jornal fôra obrigado, por misteriosa influência, a camuflar a verdade, tornando-a risível. De nada valeu tampouco, naquela época, que um fotógrafo de Milão, como se vê em nossas ilustrações, realizasse o mesmo truque, com ajuda de um desenhista bastante hábil, para esvaziar o "balão".

Os "falsos discos" não fotográficos, aquêles que poderemos chamar "reais", apresentam um aspecto de particular interêsse: como já dissemos, a "Domenica", na Itália, construiu e fêz voar, utilizando pequenos balões-sonda, adotados na aviação militar, um verdadeiro e legítimo "disco". O lançamento foi realizado na quinta-feira, 16 de fevereiro, de um ponto da parte noroeste de Milão, com o intuito de o objeto sobrevoar tôda a cidade. Um engenhoso dispositivo mantinha todo o conjunto numa altura de duzentos metros aproximadamente. Pelo fato de ter o disco dois metros de diâmetro, estar pintado de vermelho vivo e ter a forma clássica (a que nos habituaram tantas fotografias e descrições), era de supor que seria visto por numerosas pessoas, cujos depoimentos seriam depois recolhidos. A experiência era interessante, pois permitia revelar, sôbre um objeto real, quais podem ser as deformações dos observadores casuais.

E de estabelecer, num percurso conhecido, quantos podiam ser tais observadores. Na realidade, depois de uma grande volta sôbre a cidade, o falso disco afastou-se na direção noroeste, sobrevoando Pero, depois Rho, Legnano, Busto Arsizio e Gallarate. Apesar do dia claro e da perfeita visibilidade por nós verificada seguindo pessoalmente o trajeto, êle não foi visto por ninguém com exceção de um grupo de operários, em Pero, que não lhe deu grande importância.

A experiência demonstrou, salvo indicações posteriores, que, para um disco ou qualquer objeto extraordinário no céu, é maior a probabilidade de que não seja visto, do que a contrária. Nossa civilização não é certamente "de mãos no bôlso e nariz para cima"; e é provável como dizia Shakespeare, haver "mais coisas debaixo da abóbada celeste do que suspeita a nossa vã filosofia".

no próximo número:

OS ADEPTOS ESPERAM A CHEGADA DOS "DISCOS"

O professor Herman Oberth, pioneiro da astronáutica, mostra um modêlo de disco voador, no último congresso de "ufologia", em Wiesbaden.

um mistério que atravessa os séculos — IV

MILHÕES DE PESSÔAS AGUARDAM O GRANDE DIA

Que é "ufologia"? Trata-se de uma novíssima ciência que reúne mais de mil e duzentas associações em todo o mundo, cujo principal objetivo é provar a existência dos discos voadores. Um verdadeiro exército de homens e mulheres, chegando às raias do fanatismo, acredita e prega o fenômeno das "civilizações extraterrenas".

Reportagem de FRANCO BANDINI, GIANCARLO MASINI e BARTOLO PIEGGI
(exclusividade mundial de Domenica del Corriere e O CRUZEIRO)

Êste é um dos "pequenos marcianos" capturados na primavera de 1949, em Aztec, México, quando saíam de um disco voador avariado. Segundo os defensores desta extravagante história, a base de Denver da Fôrça Aérea Norte-Americana levou num caminhão tanto o disco quanto os marcianos envolvendo tudo numa vasta "conspiração de silêncio". O fato, na época, teve repercussão internacional.

Há vinte anos, surgiu a questão dos discos voadores. E, há vinte anos, um imenso exército de homens e mulheres de todos os países se puseram pacientemente a esperar o sinal, a chegada, a revelação — em suma, a descida e o comparecimento entre nós dos misteriosos habitantes de outros mundos, viajando no cosmo até à Terra, em seus estranhos aparelhos. Ainda não existe recenseamento a êsse respeito, mas não parece arriscado estimar em talvez dez milhões de pessoas os quadros dêsse exército imbuído de uma fé inquebrantável, não apenas na existência dos discos, mas também em sua verdadeira significação extraterrena. Dessa gente, que é possível encontrar em tôdas as camadas sociais e em todos os níveis de cultura, ninguém jamais falou: trata-se, porém, de um vasto e interessante grupo separado do resto da humanidade por uma verdadeira ideologia própria, com um sulco divisório mais profundo mesmo do que o constituído pelas diferenças comuns de religião, de credo político ou da moral comum. Cabe, portanto, tocar no assunto. É um fenômeno modernissimo, com características às vêzes inquietantes.

É natural que os milhões de "clipeólogos" esparsos em todo o mundo não pensem do mesmo modo. Na prática, são infinitas as nuances: de um lado, encontramos os probabilísticos, aquêles que encolhem os ombros e dizem que "certamente alguma coisa existe, mas nada sabemos". Do outro lado, ao contrário, existem pessoas, e até associações inteiras, que se dizem em contato com os pilotos dos dis-

RAPTADOS PELO DISCO

Barney e Betty Hill, dois americanos de Portsmouth, foram "personagens" de uma história alucinante. Ao regressarem para casa, na noite de 19 de setembro de 1961, viram uma intensa luz vermelha no céu e sentiram-se perturbados. Nos dias seguintes, fizeram-se hipnotizar em Boston e, durante os transes, contaram que foram raptados e transportados pelo espaço por um disco voador, até um outro planêta.

ELIZABETH E O MARCIANO

4 de junho de 1964. O bombeiro inglês Jim Templeton tira uma foto de sua filha Elizabeth. Na hora de revelar o filme, constata, com horror e surprêsa, que atrás da cabeça de sua filha aparece uma pessoa de aproximadamente dois metros de altura. Indagando a respeito, Jim Templeton garantiu que a "figura" não estava presente no instante da foto. Seria um marciano?

A TESTEMUNHA OCULAR

George Adamsky, um dos pioneiros da "ufologia" moderna, não só avistou e fotografou, como também estêve a bordo de um disco, que ficou conhecido como "disco Adamsky". Escreveu três livros ("Os Discos Aterraram", "Dentro de Uma Nave Espacial" e "Discos Voadores: Até Breve"), onde especificou com detalhes as características das naves. Segundo Adamsky, a Terra está às vésperas de um maciço retôrno dos visitantes interplanetários, que já se deixaram ver muitas vêzes pelos povos.

cos, quer por telepatia, quer por meio da televisão, do telefone, do rádio. E, sem mais nem menos, homens e mulheres afirmam ter sido raptados ou convidados por pilotos dos próprios discos para uma pequena viagem pelo sistema solar para visitar Vênus, Marte ou Plutão; mas o importante é que todos, qualquer que seja a seita a que pertençam, há muito tempo se constituíram em associações, freqüentemente muito poderosas, que publicam jornais, promovem intercâmbio de informações, realizam congressos, e alguma vez conseguem exercer realmente pressões de opinião sôbre seus governos. Uma estatística incompleta dêstes grupos relaciona hoje, aproximadamente, 1.500 em todo o mundo, com quase outros tantos jornais de boa tiragem. E visto que cada grupo possui de 5.000 a 20.000 sócios e simpatizantes, pode-se calcular que se trata de uma massa que vai de sete milhões e meio a 30 milhões de pessoas. As taxas de inscrição e anuidades vão de 1.000 a 3.000 liras, em alguns casos a 5.000 liras. Com rendas totais, portanto, não inferiores a dez bilhões, mas que talvez cheguem aos vinte ou trinta.

Os Estados Unidos são a pátria de origem dêsse fenômeno: em 1952, o ano de maior freqüência nas aparições de discos, um grupo de pessoas de posição social não importante rompeu relações com a Fôrça Aérea Americana, com a qual estava trabalhando justamente sôbre a questão dos discos voadores, e fundou estrepitosamente a APRO, ou a "Aerial Phenomena Research Organization" dirigida por Coral Lorenzen: em pouco tempo conseguiu reunir mais de vinte mil sócios ou simpatizantes, espalhados por todo o território americano; contudo, introduziu no estudo dos fenômenos aéreos — que era seu objetivo explícito —, métodos pouco ortodoxos, e muito próximos do sensacionalismo a qualquer preço, acusando àsperamente a Aeronáutica americana de desejar manter em tôrno da questão dos discos uma conspiração do silêncio. Ainda é poderosa, hoje, quando publica um "APRO Bulletin", mas teve de ceder lugar ao já famosíssimo NICAP, constituído "sem finalidade de lucro", em 1956, e atualmente dirigido por uma junta de 11 governadores, entre os quais existem um almirante, dois coronéis da aeronáutica, um major, um capitão, um astrônomo, um padre e quatro professôres universitários. O diretor-geral da instituição, porém, é um dinâmico major dos *marines*, Donald Keyhoe, oficial da reserva, notabilíssimo por ter escrito vários livros sôbre discos e por ter sido o primeiro a formular a teoria, apoiada em elementos consistentes, de que se trata de engenhos extraterrenos.

O NICAP é certamente um osso duro, porque trabalha sèriamente e com pouquíssimos erros. Publica um periódico intitulado "The UFO Investigator", com números magnìficamente ilustrados, rico de dados, desenhos e quadros sinóticos, que apresentam seguramente sinais de competência e de verdade. Os seus sócios totalizam hoje apenas 5.000, mas se trata de gente bem escolhida: quase todos pertencem à Fôrça Aérea dos Estados Unidos, ao pessoal de vôo das linhas aéreas ou às universidades americanas. Pagam 5 dólares de anuidade, o que assegura ao NICAP um orçamento de 15 milhões de liras anuais. Contudo, segundo informações indiscretas publicadas, a receita dêsse Comitê nacional para o estudo dos fenômenos aéreos seria de pelo menos vinte vêzes superior.

Ainda nos Estados Unidos, porém, em escala mais reduzida, existem numerosíssimas outras organizações. Por exemplo: a AFSCA, que é aliás um clube — "Amalgamated Flying Saucer Club of America". É presidido por Gabriel Green, cujo nome aparece regularmente no noticiário dos avistamen-

tos, das conferências e da publicidade do ramo. Ainda a IIUFO, de Oklahoma City, dirigida por Riefer e Hewes, os quais anunciaram há pouco que será construído, nos limites da cidade, um quartel general internacional UFO (*UFO* significa "Objetos Voadores Desconhecidos"), constituído de quatro edifícios, cobertos de tetos metálicos para discos voadores, pela bagatela de 150.000 dólares (quase cem milhões de liras). Mas a lista americana é extensíssima: o "Celestial Vehicle Investigation Committee", de Malvern Road; o "Civilian Saucer Intelligence of New York", com seu jornal "CSI Newsletter"; o "Flying Saucer News Club", em plena Broadway, com o jornal "Flying Saucer News"; o "Fontana Spacecraft Group", dirigido por uma senhora, Trudy Allen; o "The Cosmic Circles of Fellowship", de Chicago; o "Saucer Phenomena and Celestial Enigma", com o jornal "SPACE", na Flórida; o "Study Group on Interplanetary Relations", que publica "The Visitor"; e, pelo menos, uma quarentena de centros, grupos, clubes, associações, comitês, adeptos ardorosos dessa novíssima idéia que é, enfim, a "ufologia". Um bom "ufólogo" se distingue na América, num relance: traz na botoeira um modêlo de disco, franquia suas cartas com símbolos espaciais, e julga os acontecimentos do mundo segundo uma escala completamente diferente da usada pelo resto da humanidade.

Saímos dos Estados Unidos e encontramos o mesmo panorama imprevisível. Temos, no Brasil, o "Centro de Investigação Civil dos Objetos Aéreos Não Indentificados", cuja sigla, um pouco deselegante, é "CICOANI", e adiante o "CODOVNI" argentino, isto é, a "Comisión Observadora de Objectos Voladores No Identificados". Na velha Inglaterra, a "Cosmic Voice", de Londres, a prestigiosa (quase como o "Times") "Flying Saucer Review", a "International Lunar Society", a "Universal Fellowship" e dez outras menores. Na França, o grande grupo Ouranos, que publica um jornal do mesmo nome. Na Alemanha, a associação de Karl Veit, com o seu "UFO Nachrichten", poderosíssima e de grande atuação, a ponto de receber em seus congressos, em Wiesbaden, delegados poloneses, tchecos e húngaros. Todos irmanados por cima da "cortina de ferro", na comum paixão "ufológica". E ainda os grupos suíços, reunidos em tôrno do "Courrier Interplanétaire" e do "Welttraumbote", além de uma dezena de outros, dos quais, por brevidade, devemos omitir a indicação.

A Itália, naturalmente, está à frente dêsse extraordinário fenômeno. Suas associações são numerosíssimas e recentemente foram também agrupadas, como convém à tradição burocrática, em um centro único nacional o CUN. Em Turim, surgiu a "Clypeus", associação séria e bem organizada, que publica interessante jornal do mesmo nome. É dirigida por Gianni Settimo, pautada por uma linha técnico-histórica de acentuado relêvo. Não se pode esquecer que os piemonteses, sob êsse aspecto, ostentam antigos quartos de nobreza. Realmente, em Cuneo, surgiu na década de vinte a primeira associação Razzi, que precedeu até à alemã, da qual deveriam nascer as V2.

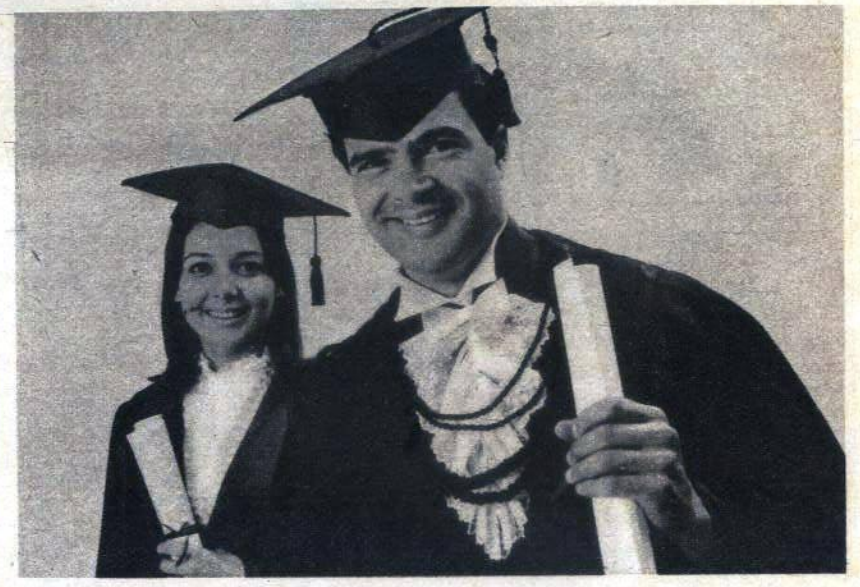
Gigantescos eletromagnéticos

Em Roma, a "ufologia" é representada pelo cônsul Alberto Perego e pelo seu CISAER, que significa "Centro Italiano Studi Aviazione Elettromagnetica": tem conexão com o grupo americano "Adamsky", e elaborou uma teoria, um tanto i m p r o v á v e l, segundo a qual pouco falta para saber sôbre os discos, visto que se sabe quase tudo, em conseqüência de algumas visitas que membros do grupo fizeram a bordo dêsses extraordinários aparelhos eletromagnéticos. Perego é membro do serviço diplomático, autor de dois livros sôbre o assunto e certamente uma personagem dotada de muita fantasia. Êle sustenta que os discos não são outra coisa que gigantescos eletromagnetos, espécie de ciclotrons que desintegram a matéria em tôrno de si, e por êsse sistema locomovem-se com velocidade espantosa.

Em Veneza, existe um "Centro Alaya", têrmo que, em sânscrito, significa "Alma Universal". Todavia, mais que um centro de estudos dos discos, parece um grupo de teosofistas, uma convivência, como se definem êles próprios, entregue ao estudo das relações morais entre nós e os outros planêtas. Mantém estreito contato com o "Centro Studi Fratellanza Cosmica", de Eugênio Siragusa, em Catânia, sôbre o qual cabe dizer algumas palavras.

Eugênio Siragusa é funcionário da prefeitura catanesa, mas sua atividade principal consiste em receber por via mediúnica, e, também, por contato direto, mensagens "crísticas" dos pilotos dos discos voadores e de suas hierarquias, tôdas perfeitamente descritas em suas particularidades físicas e morais. Nas encostas do Etna, mas também noutros lugares, Siragusa viu aterrarem dezoito vêzes discos voadores e chegou a entrar em entendimentos com êles. Recentemente, divulgou uma mensagem na qual se adverte que, durante o ano de 1968, as *Potências Eternas* darão um terrível mas evidentíssimo sinal de sua existência. Siragusa preparou-se, segundo conta, durante onze anos para sua missão: em agôsto de 1961, teve o primeiro contato com os discos que teriam vindo do sistema solar, e também dos espaços eternos.

Não se pode abandonar o assunto dos "clipeólogos" e de suas ati-

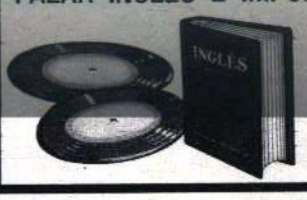


COM UM DIPLOMA É MAIS FÁCIL VENCER NA VIDA!

(As Escolas Internacionais ajudam você a tirar seu diploma em apenas alguns mêses)

Você é ativo? Inteligente? Dinâmico?
Então você tem tudo para vencer na vida. Se os outros podem ser deputados, advogados, médicos, embaixadores, etc. etc., por quê você não pode ser? Falta-lhe apenas um diploma. Preencha e remeta hoje mesmo o cupom abaixo. Faça o Curso de Madureza por correspondência das Escolas Internacionais. Em poucos mêses você terá seu diploma de ginásio. É o passo mais fácil para chegar a seu título de Doutor. Com êle, o caminho do sucesso estará aberto para você. A universidade. Os grandes empregos. As profissões liberais. Altos salários e cargos de prestígio. Decida-se já. Remeta hoje mesmo o cupom abaixo. Quanto mais depressa você tiver seu diploma mais depressa você será um homem bem sucedido.

FALAR INGLÊS É IMPORTANTE PARA VENCER NA VIDA



Estude inglês por correspondência. As Escolas Internacionais têm um dos mais eficientes cursos de inglês do mundo, com discos, lições, orientação didática, tudo incluido!

Envie hoje mesmo o cupom abaixo para receber - GRATIS - sem compromisso, o livro "O Caminho do Êxito" e, informações sôbre os mais variados cursos. Agora é sua vez de conseguir melhor remuneração para seu trabalho, mais confiança em si mesmo, mais prestígio pessoal e melhor posição na sociedade!

Remeta já êste cupom. E comece uma vida nova!

ESCOLAS INTERNACIONAIS PUBLICAÇÕES LTDA.

Departamento 11-726 D2 Largo de São Bento, 64 - 15.º andar - Caixa Postal 6.997 - São Paulo
Peço enviar-me - GRÁTIS - o livro "O Caminho do Êxito" e informações sôbre os cursos marcados com "X".

■ Inglês (com discos) ■ Madureza Ginasial ■ Engenharia Mecânica ■ Arte de Vender ■ Técnico em Rádio e TV ■ Engenharia Elétrica ■ Matemática ■ Engenharia Industrial ■ Dir. e Adm. de Empresa ■ Técnico em Eletrônica ■ Des. Mecânico e Matemática ■ Refrigeração ■ Desenho e Construção de Máquinas ■ Perito Mecânico ■ Engenheiro de Construções ■ Téc. em Motores Diesel ■ Arquitetura ■ Mecânica de Automóveis ■ Esp. Ajustador Montador ■ Téc. Eletricista ■ Eng. de Motores Diesel ■ Direção Técnica Industrial ■ Perito Químico Industrial ■ Técnico em Rádio ■ Especialista Torneiro ■ Topógrafo ■ Curso Sup. Rádio-Técnico ■ Direção de Vendas ■ Eng. Civil ■ Desenho Mecânico ■ Chefe de Oficinas Mecânicas, mais de 100 outros cursos.

NOME .....
RUA ..... N.º .....
BAIRRO ..... ZONA POSTAL .....
CIDADE ..... ESTADO .....
IDADE ..... OCUPAÇÃO .....

Baseado em informações de entendidos na matéria, já se pode traçar, com pequena margem de erros, o perfil dos "visitantes". À esquerda, John Sheridan, que seria o pilôto. A seguir, Zyndar-Shiin, assistente do comandante na Frota Espacial. Depois, Oshur-Shisiar, comandante (de cabelos longos) do "Quadra-Sektor". E, finalmente, Semarus, pilôto de um pequeno disco. Com isso, as suposições de que os "visitantes" seriam disformes e de estaturas irregulares estariam postas por terra. No último desenho, a configuração do que seria a "alimentação" dos extraterrenos. Mostra o "fruto típico marciano", chamado "sebar", rico em proteínas. O "sebar" teria extraordinária fôrça energética. E seria insôsso.

milhões de pessoas aguardam o grande dia

vidades, sem falar também daqueles que formigam subterrâneamente, sempre no anonimato, na clandestinidade. E aliciam em todo o mundo um elevadíssimo número de adeptos oscilantes entre uma fantasia-ciência, tornada por êles realidade cotidiana, e a demência pura: moderna versão de fraquezas que a humanidade sempre conheceu, onde se dilui, sob aspectos pseudocientíficos, o nosso velho fraco pela magia, pela feitiçaria e pelas superstições. Um certo número de indivíduos, pouco inescrupulosos, se apoderaram ràpidamente dessa ocasião inesperada e fizeram a própria fortuna, especulando com a ingenuidade alheia, pura e simplesmente para embolsar dinheiro.

Na civilizada e moderna Itália, embora não haja pùblicamente nenhum indício, existem uns trinta "Centri dell Amicizia", que reunem talvez trinta mil pessoas. Cada centro tem um diretor, havendo um diretor-geral dos diretores, sediado em Milão. Cada centro realiza duas reuniões semanais, em que os adeptos são informados sôbre o andamento daquilo que o diretor chama *a batalha*. Desde alguns anos, de fato, desenrola-se nos espaços vizinhos da Terra uma gigantesca batalha cósmica entre as fôrças do Bem, representadas pelos "FW3" e as do Mal, que são os "Y14": ambos, naturalmente, aeromecanizados com discos, disquinhos, astronaves-mães e assim por diante. A batalha é tremenda e tem como alvo justamente a nossa ignara Terra, que correria o mais terrível dos perigos se caísse nas mãos dos "Y14". Por isso, os adeptos da "Amicizia" são levados, no seu próprio interêsse, a ajudar os "FW3", para fazê-los vencer.

"Existem numerosos testemunhos — explica o diretor — de que tôda essa faina é verdadeira. Primeiramente, as inesperadas luzes que se acendem no céu: são os clarões dos discos atingidos e destruídos na batalha. E depois o estranho curso das vicissitudes políticas entre os homens. Quando Kruschev retirou-se de Cuba, a explicação foi justamente a de intervenção dos discos "bons", que não podiam tolerar nenhuma complicação sôbre o plano estratégico geral. A morte de Kennedy, ao contrário, foi obra dos discos "maus" e a fumaça branca, que se vê nas fotografias já célebres do filme rodado no trágico momento, é a prova das provas: a fuga de um disco, autor do atentado."

"Irmãos da Luz"

Uma vez que a "Amicizia" não tem finalidade lucrativa, é muito difícil ajudar os discos. Alguns industriais associados põem à disposição, pelo exato preço de custo, os materiais necessários aos reparos; mas, evidentemente, é preciso pagar-lhes, e então cada sócio oferece não o seu dinheiro mas seu trabalho. O diretor coloca, em cada reunião, uma caixa de coleta: à noite, longe das vistas dos profanos, o adepto deve colocar o objeto, que depois se procurará vender. A renda pode reverter à "Amicizia", porque se trata da transformação em dinheiro do próprio trabalho. E tudo está determinado. Outro adepto, em seu próprio interêsse, pode comprar o "Protetor", que é uma pequena ampola de vidro com um líquido vermelho, onde flutua uma bolinha ainda mais vermelha. Colocada por dentro do cabelo, a ampola protege o indivíduo contra as influências dos discos "maus". Colocada no cimo do teto, defende a casa; instalada na capota do automóvel, protege-o dos acidentes que, como explica o diretor, em grande parte são emanações dos discos "maus". Atenção, porém: algumas marcas de automóvel, cujos fabricantes pertencem à "Amicizia" (mas não se deve dizer), já têm a ampola protetora, e assim não é necessário comprá-la, economizando as 15.000 liras de seu custo.

Um cálculo aproximativo faz subir a muitas centenas de milhões as somas que a "Amicizia" consegue extorquir de seus sócios, com uma psicologia que mereceria uma investigação mais atenta. Com efeito, o adepto cético, aquêle que necessita de provas para crer, é sem demora afastado, porque a revelação virá, em futuro muito remoto, apenas para aquêles que acreditarem sem provas. Enfim, alguma prova é dada: durante as reuniões, freqüentemente soa o telefone. O diretor levanta-se, atende compungido. Murmura, como repetindo: "Agora estamos indo mal... Como? Cento e vinte discos danificados e doze destruídos? Mas é terrível!" Depois, dirige-se a um dos presentes e chama-o ao microfone, "porque um dos Irmãos da Luz deseja falar-lhe". Trêmulo, o adepto aproxima-se do telefone, ouve uma série de ganidos incoerentes, e vai dormir satisfeito e excitado: falou com o pilôto de Vênus.

Tudo isto seria difícil de acreditar, se não existissem provas mais do que persuasivas. E representa, certamente, um lado inquietante da humanidade moderna. Aproximar essas pessoas, quase sempre de categorias profissionais diferentes, que escondem no cabelo o "Protetor", significa realizar uma experiência assombrosa: nenhum argumento de natureza científica vale para lhes abalar a tranqüila certeza de que a ciência moderna seja um conjunto de estupidez, que um dia cairá diante da verdadeira ciência vinda do espaço.

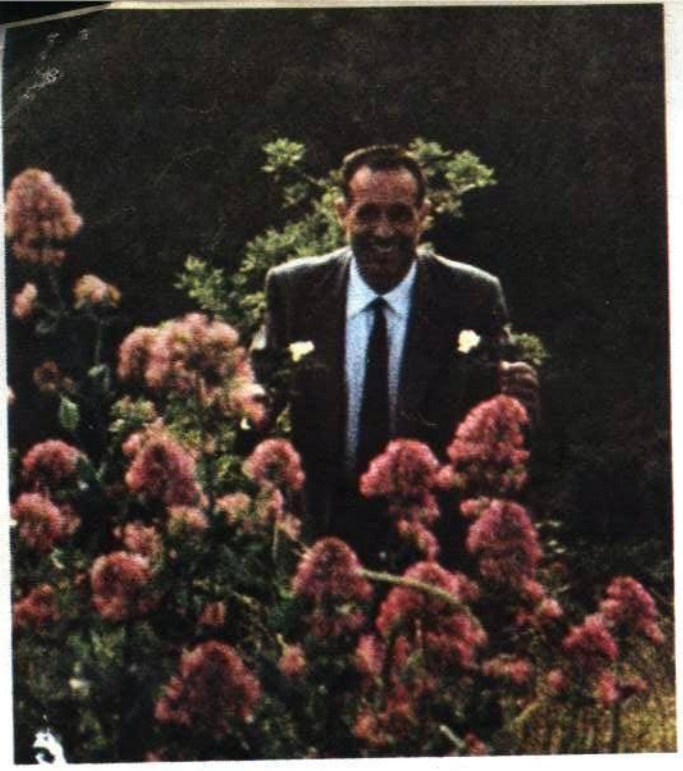
Envolvendo essa desconexa ideologia, criou-se uma espécie de cortina estampada dificílima de afastar. Milhares e milhares de loucos, nunca aliás entrados no manicômio, têm ocupado o noticiário mundial com as mais incríveis histórias que alguém já possa ter lido: pessoas raptadas a bordo de discos e levadas até Vênus, depois trazidas à Terra; testemunhas oculares de aterragem de discos com homens verdes, amarelos, vermelhos, com uma roda prêsa aos pés e a tradicional lâmpada acesa na cabeça. E até operadores de rádio que entram em contato com as *Potências Eternas* e depois publicam livros com a relação completa das mensagens recebidas — tôdas mais ou menos dêste jaez: "Fala Kadar Lacu. Assinalei a nave "Clacteen", com Zago do Grupo de contato. Quando aterrarmos, vos diremos em "solex mal" (a língua dêles): "Tu Vec Satum Do Pattla Barraga". Então nos respondereis dizendo: "Udum Regan Vec Yonto Nictum Barraga".

Uma curva completa

Existe, portanto, uma curva completa na atenção que o homem, há vinte anos, dedica a êsse fenômeno. Uma curva que vai do observador desapaixonado, mas curioso, ao louco puro e simples: extremos infelizmente já intimamente amalgamados numa pasta especialíssima, na qual a ciência oficial tem as maiores dificuldades em moverse, pois um pequeno número de fatos, quase certamente verdadeiros, ou pelo menos insólitos, transformou-se numa assustadora maré de extravagantes alucinações, agitada por um histerismo generalizado. Contudo, o trabalho de polimento do grão do joio está feito e a ciência oficial começou a formular, com grande prudência, uma opinião própria.

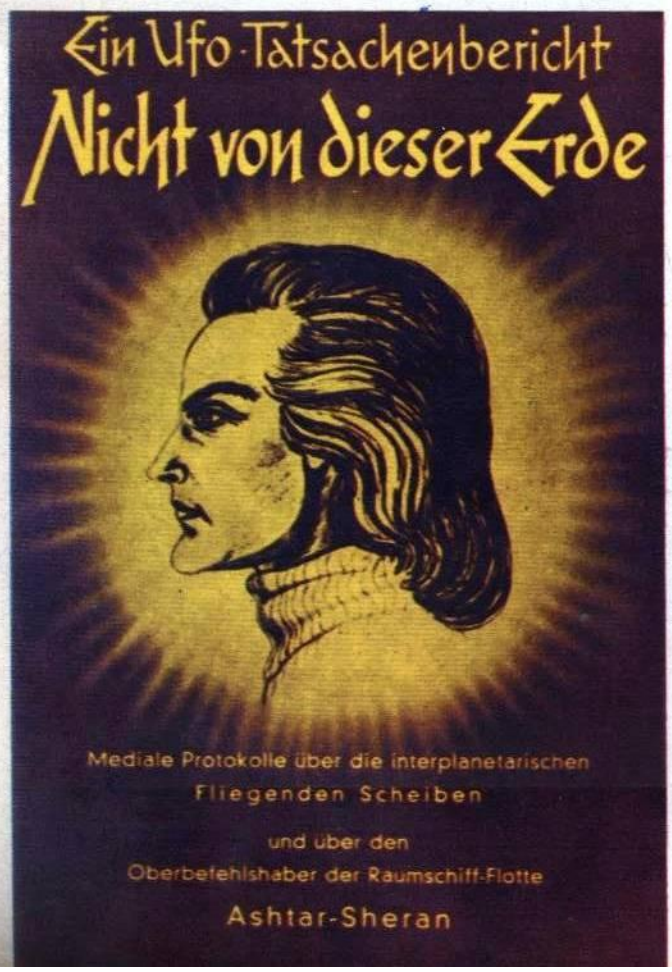
no próximo número:

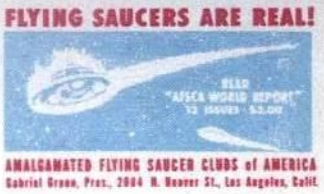
DENTRO DE UM ANO SABEREMOS



Eugênio Siragusa, de Catânia, fotografado na encosta do vulcão Etna (esq.). Neste local, sobretudo durante o período de erupção e nas proximidades da cratera (foto acima), Siragusa viu aterrarem discos voadores. Êle é o fundador e diretor do "Centro de Fraternidade Cósmica", de Catânia, com numerosos associados em tôda a Itália. Siragusa assegurou que recebeu mensagens telepáticas dos discos, e depois as divulgou a seus associados: haveria, no ano de 1968, terríveis acontecimentos na Terra, e seria desvendada tôda a verdade.

As imagens dos pilotos espaciais recebidas por via mediúnica pelo "Centro de Fraternidade Cósmica", e a seguir pintadas por uma pintora mediúnica (na última foto, ao lado de Eugênio Siragusa). Os pilotos também têm nomes e sobrenomes. Vivem entre a população da Terra e só os iniciados estão em condições de reconhecê-los. Os visitantes extraterrenos, segundo o grupo de "Fraternidade Cósmica" de Catânia, estão empenhados numa missão de salvação do planêta, que se encaminha ràpidamente para uma catástrofe. Essa ideologia caracteriza grande parte dos grupos constituídos em todo o mundo, e baseia-se na antiquíssima e incessante luta entre o Bem e o Mal.





A IMPRENSA DOS ADEPTOS

Não se pode ter idéia precisa de quanto é rica e variada a atividade editorial nascida, nos últimos anos, em tôrno da questão dos discos voadores. Os jornais UFO são em grande número. Na extrema esquerda, um exemplar editado pelo grupo alemão de Wiesbaden, um dos mais ativos do mundo: a capa é ilustrada com o desenho "telepático" de Ashtar-Sheran, comandante-chefe da Frota Espacial. Ao lado, o cartão-postal do grupo alemão, dirigido por Karl L. Veit, o fundador da "ufologia" alemã, que é, cientificamente, a mais avançada de tôdas. Acima, o sêlo que franqueia tôda a correspondência dos "ufologistas" importantes.

discos voadores: o mistério que atravessa os séculos - V (final)

DENTRO DE UM ANO SABEREMOS

Alguns fatos seguros, ocorridos recentemente, induziram a Aeronáutica americana a passar todos os documentos secretos para um comitê científico não militar da Universidade do Colorado. Com tôda certeza, esta medida teve como objetivo preparar a opinião pública para uma série de notícias que serão dadas já em 1968.

Reportagem de FRANCO BANDINI, GIANCARLO MASINI e BARTOLO PIEGGI
Exclusividade mundial de DOMENICA DEL CORRIERE e O CRUZEIRO

A MAIS RECENTE APARIÇÃO

A esquerda, a fotografia tirada em 2 de fevereiro de 1967, em Zanesville, Ohio (EUA), por Ralph Ditter, barbeiro e nas horas vagas também astrônomo amador. Segundo os dados comunicados por Ditter à imprensa local, êle bateu a fotografia com uma máquina comum, com abertura de diafragma 16 e um tempo de 1/125. Ditter afirmou estar certo de que se tratava de um disco voador proveniente de outros mundos. Contràriamente ao que se acredita, a controvérsia sôbre a habitabilidade de outros mundos, e sôbre o fato de que aí existam ou tenham existido outras formas de vida, foi suficientemente amenizada, pelo menos nos países anglo-saxônios. As hipóteses, naturalmente, são numerosas. Mas a teoria de que o homem não esteja só no Universo é geralmente aceita como boa também nos altos círculos científicos; ao contrário, progrediram as reservas a respeito da possibilidade material de que duas civilizações semelhantes se comuniquem efetivamente: seja porque "desajustadas" no tempo, seja pelas enormes e pràticamente insuperáveis distâncias que quase certamente as separam. Afirma-se que, enquanto existe uma probabilidade muito forte de vida no Universo, não há quase nenhuma de que esteja ela colocada no tempo e no espaço, de forma a realizar uma "coincidência" de comunicação, pelo menos com os meios que conhecemos ou de que possamos supor a existência.

dentro de um ano saberemos

Uma graciosa cidadezinha no coração dos Estados Unidos, protegida por uma cadeia de montanhas, rica de prados, de campos de jogos, de piscinas, tornou-se a capital dos discos voadores. Trata-se de Boulder, no Colorado, cidade famosa na América e no exterior pela sua Universidade. Tôda a cidade vive pràticamente em tôrno da Universidade ou no *campus*, e a população é constituída, na maior parte, de estudiosos, estudantes, técnicos, professôres ou pessoas que, de uma forma ou de outra, vivem da vida universitária. A atividade cultural também é intensíssima. Boulder é agora a capital dos discos voadores, não porque aí tenham ocorrido avistamentos espetaculares dos "flying saucers", os "pires voadores", mas porque a grande Universidade do Colorado foi escolhida para um estudo aprofundado sôbre o mistério dos discos. A pesquisa e o respectivo contrato foram determinados pelo Escritório Científico da Fôrça Aérea e prevêem uma despesa de, aproximadamente, trezentos mil dólares, que será reforçada de acôrdo com o desenvolvimento do trabalho. Um relatório sôbre os estudos, já iniciados, deverá ser encaminhado no decorrer de 1968 aos responsáveis pela aviação americana. Durante o próximo ano, portanto, teremos um primeiro balanço por parte da ciência sôbre a debatida questão.

Cem pesquisadores

Para a direção do grupo de estudiosos, a quem foi confiada a tarefa de investigar sôbre os UFO (assim se denominam, em têrmos técnicos, os discos voadores — *Unidentified Flying Objects*, isto é, objetos voadores não identificados), foi convidado um notável físico, o dr. Edward U. Condon, que foi diretor do National Bureau of Standards, atualmente professor de Física na Universidade do Colorado e conhecidíssimo por seus estudos de astrofísica. Será auxiliado em seu trabalho pelos doutôres Franklin Roach e Stuart Cook, astrofísico e psicólogo, respectivamente. O coordenador dêsse programa, do qual participarão mais de cem pesquisadores de diversas outras universidades americanas, escolhidos pela própria Universidade do Colorado, será o doutor Robert G. Low. Com esta equipe bem qualificada a ciência americana se propõe dar uma resposta definitiva ao problema dos objetos estranhos avistados desde 1945 até hoje.

No decorrer de nosso trabalho, como recordarão os leitores, tínhamos procurado remontar às origens, valendo-nos dos "documentos" e dos "testemunhos" deixados por nossos antepassados nas esculturas, nas decorações e em suas narrativas. Tudo isto, sendo embora um capítulo fascinante da pesquisa histórica, não pode ser evidentemente um meio válido para a ciência moderna, e é por isso que os estudiosos estadunidenses submeteram a exame apenas os relatórios e as provas dos avistamentos ocorridos em nossos dias. Já se viu quão numerosos têm sido; já se viu como é fácil realizar truques; já se viu como, a propósito dos discos voadores, alguns espertos implantaram um duvidoso sistema para extorquir dinheiro dos mais ingênuos. Contudo, também já se viu que, ao lado das mistificações, das burlas mais clamorosas, das fotografias falsas, existem de qualquer modo testemunhos de pessoas merecedoras de crédito, sôbre fenômenos estranhos, não explicados até agora por nenhuma interpretação válida. Demonstrou-se finalmente que, em matéria de discos voadores, os homens estão divididos em dois grupos opostos: os que acreditam firmemente e os que não acreditariam nem mesmo se os vissem com os próprios olhos. Para uns e para outros, tornou-se uma espécie de "fé".

Os casos insolúveis

A esta altura, surge uma pergunta espontânea: existem realmente os discos voadores ou não? A ciência, que pela sua própria natureza baseia as respostas em fatos experimentais e porisso seguramente comprováveis por todos e fora de qualquer sugestão e de qualquer sentimento, que pode ela dizer a êsse respeito?

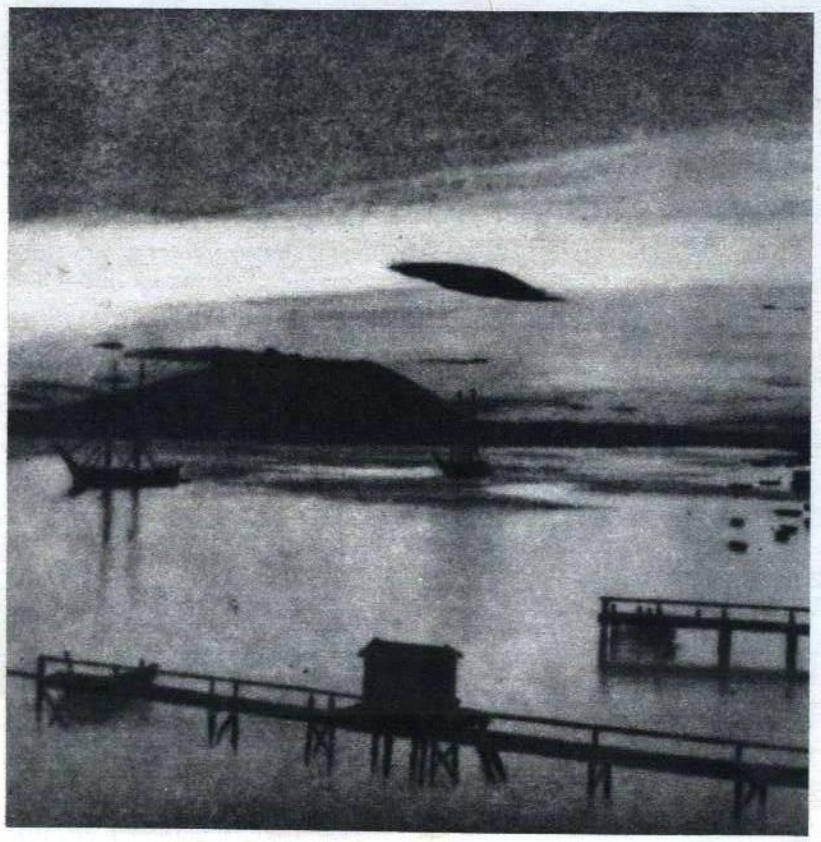
A pergunta, mais que legítima, foi também feita pelos altos comandos da aviação americana, em fins de 1945, que têm procurado dar resposta através de uma série de investigações, de pesquisas, de contrôles abrangidos pelo programa "Blue Book" (Livro Azul).

De 1947 a 1966, o número de avistamentos submetidos a exame pelos peritos do "Blue Book" elevou-se a 10.147. Em cada um dêsses casos, o grupo especial de trabalho da Fôrça Aérea examinou minuciosamente os relatórios de observação, as pessoas que avistaram, as fotografias, os desenhos, tudo quanto foi possível recolher. A maior parte dos 10.147 avistamentos foi explicada de maneira irrefutável: ou se tratava de mistificação, ou de balões, sondas, aeróstatos, meteóritos ou outros fenômenos atmosféricos, raios globulares, fenômenos de condensação etc. Apenas 646 de todos os objetos que foram vistos nos céus da América continuaram "não identificados", e portanto não foram explicados o seu comportamento, suas manobras, suas atividades. É dêsses 646 casos e dos eventuais avistamentos posteriores que se deverão ocupar os especialistas reunidos pela Universidade do Colorado.

Também na América, a propósito dos UFO, a opinião pública se divide em crédulos e incrédulos. Entre êstes últimos estiveram e estão a maior parte dos cientistas dos diversos ramos, mas não poucos estudiosos estão entre os primeiros. Êstes, dentre outras coisas, acusaram também pùblicamente e por diversas vêzes, através de jornais e revistas, os comandos do Pentágono de haverem ocultado da opinião pública os resultados dos relatórios mais desconcertantes relativos aos "flying saucers". Alguns, em 1956, fundaram em Washington uma prestigiosa asso-

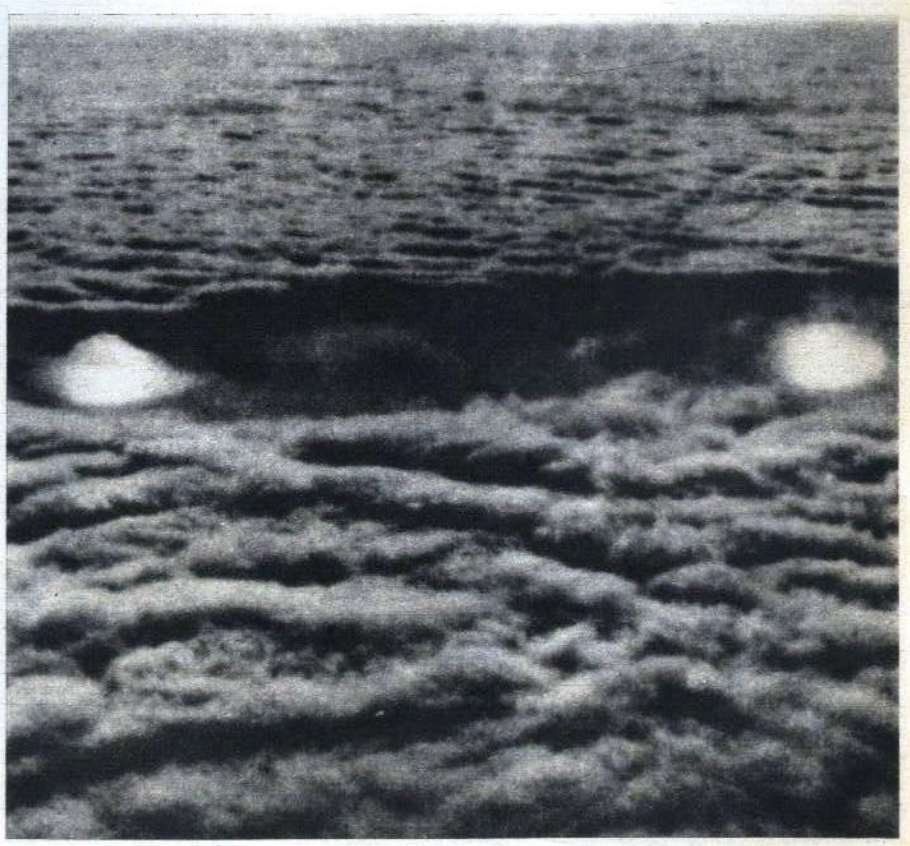
A BUSCA AOS DOCUMENTOS

Para tentar explicar o fenômeno dos discos tem-se recorrido a todos os tipos de documentos históricos. Êste é um dos mais curiosos: trata-se de uma foto tirada às 23h, de 27 de junho de 1909, em Drobak, na Noruega. A faixa de nuvem clara, que se vê no fundo, tinha uma altura de 74, 82 e 92 km, bastante elevada em relação ao comportamento comum das nuvens. O fenômeno é ainda um mistério.



OS "CÃES SOLARES"

Esta foto foi tirada por um aparelho americano que voava sôbre um estrato nebuloso, estacionário a 5 000 metros de altura aproximadamente. Havia uma espécie de rasgão circular com formações luminosas lenticulares, devido ao jôgo de luz reflexa de baixo e do alto. Todos êstes fenômenos, que são chamados em jargão científico "cães solares", têm iludido freqüentemente técnicos e também pessoas muito especializadas em avistamentos aéreos.



ciação, o NICAP ("National Investigation Committee on Aerial Phenomena" — Comitê Nacional para a Investigação dos Fenômenos Aéreos), com sede em Washington.

O primeiro "jornal"

O NICAP já desenvolveu um trabalho imenso: recolheu uma quantidade infinita de dados, de informações, de referências. Fundou subcomitês em todos os estados da União e tem correspondentes, sócios e propagandistas em tôdas as cidades americanas; publicou numerosos relatórios sôbre cada um dos avistamentos e publica um boletim mensal intitulado "UFO Investigator", que se pode considerar o primeiro jornal dos discos voadores".

É ponto pacífico que os homens do NICAP acreditam na existência dos discos voadores, baseados em suas observações, e são êles que têm provocado as mais vivas polêmicas nas reuniões do Pentágono sôbre a questão dos UFO.

Foram talvez essas polêmicas, a pressão da opinião pública — que na América conta muito verdadeiramente —, mas acima de tudo a necessidade de explicar os 646 casos insolúveis que levaram o Pentágono a destinar trezentos mil dólares iniciais para os estudos científicos sôbre os UFO, confiando as pesquisas a cientistas do mais alto nível. Uma das acusações mais insistentes era a de que os escritórios da Fôrça Aérea teriam ocultado à opinião pública os resultados das investigações realizadas com o projeto "Blue Book" para evitar o pânico. Agora, todos os relatórios, mesmo os mais complexos, estarão à disposição da ciência oficial.

Contudo, o que deu provàvelmente o último impulso à Fôrça Aérea no sentido daquela decisão foi um fato ocorrido, no verão de 1966, no céu americano.

Em 25 de agôsto dêsse ano, um oficial da Fôrça Aérea, em serviço numa base de mísseis de North Dakota, quando se encontrava na sala radioantiatômica, construída de cimento armado, trinta metros abaixo do solo, teve imprevistamente cortada sua ligação de rádio. Enquanto êle estava procurando esclarecer aquêle fenômeno inexplicável (inexplicável, porque o sistema de comunicações com a base de mísseis é feito de modo a não ficar jamais interrompido: em caso de defeito num aparelho ou interrupção de determinada extensão de onda, entram em operação aparelhos e freqüências diversas), outro oficial da aviação, em serviço na superfície, viu um UFO (objeto não identificado) no céu, que brilhava com singular luz vermelha. Parecia subir e descer alternadamente, com "manobras" rapidíssimas. Simultâneamente, o equipamento anexo ao radar registrou, numa tela de projeções luminosas, a presença de um objeto a 30 mil metros de altura, aproximadamente. O UFO desceu depois quase até a terra, sem tocar o solo. A seguir subiu de nôvo e desapareceu entre as nuvens.

Não era fábula

O extraordinário fenômeno, narrado pelo astrofísico J. Allen Hynek, consultor científico da Fôrça Aérea para o projeto "Blue Book", não pôde ter nenhuma interpretação válida, ficando excluída a hipótese de que o pessoal da Fôrça Aérea, habituado às observações e aos desenhos dos veículos aéreos, e portanto da atmosfera, tivesse contado uma fábula ou fôsse vítima de alucinação ou de má interpretação de fenômenos naturais. Além disso, houvera a interrupção do rádio e o registro do radar. Foi a gôta que transbordou o copo da decisão de investigar a fundo, uma vez por tôdas, o mistério dos UFO.

O próprio Hynek, aliás, partindo da posição radicalmente cética, no início de seu trabalho como consultor científico da Fôrça Aérea para o programa "Blue Book", veio diminuindo pouco a pouco sua certeza sôbre a inexistência dos discos voadores. Êle interrogou pessoalmente dezenas e dezenas de observadores e estêve nos locais dos avistamentos. Se, na maioria, os casos eram fruto da ingenuidade e de equívocos, outros, revelados por pessoas dignas de fé, permaneciam inexplicáveis.

Hynek confessou suas dúvidas numa recente entrevista a um semanário estadunidense de elevadíssima tiragem. Segundo êle, o fenômeno dos UFO pode ter quatro explicações possíveis:

1 — trata-se de alucinações mais ou menos coletivas, das quais podem tornar-se vítimas pessoas cientificamente qualificadas. E é esta a opinião de muitos cientistas americanos, mas neste caso cabe esclarecer por que nunca a mente de tantos homens, em lugares tão distanciados, fêz ver coisas inexistentes e além disso do mesmo modo;

2 — os UFO são engenhos militares testados no mais absoluto segrêdo. Essa teoria encontrou certo crédito tempos atrás, mas cabe observar, contra isso, que os aparelhos secretos militares são experimentados, em geral, em áreas restritas e bem vigiadas. Com que fim seriam os UFO, ao contrário, testados sem mais nada nos céus de diversas nações?

3 — os UFO são realmente provenientes de "outro espaço", de outros mundos. Contra essa teoria não há prova nenhuma válida, como não existe no momento atual nenhuma a favor;

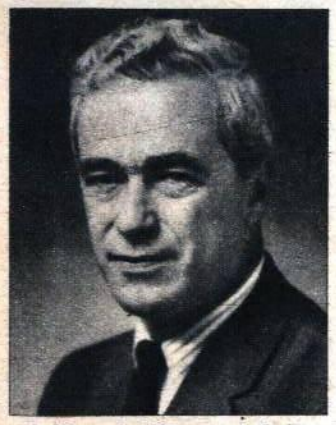
4 — os UFO são apenas aspectos particulares de fenômenos da natureza, de que ainda não conhecemos exatamente a essência, a origem e a repetição. Hoje sabemos muitas coisas relativas à atmosfera, aos fenômenos ionosféricos, às formações de nebulosas, às perturbações de rádio etc., mas quantas são ainda as coisas de que não temos idéia?

Discos ou astronaves?

Como se vê, tôdas as quatro possíveis interpretações dos UFO constituem motivos mais do que válidos para levar os cientistas dos mais diversos ramos a uma investigação aprofundada. Todavia, o que nos interessa por ora discutir é sobretudo o item 3: a possibilidade de que os UFO sejam realmente discos voadores ou astronaves provenientes de outros mundos.

O que permite admitir uma tese dessa natureza? Muito simples: que fora da Terra existam outros planêtas habitados e que êstes ha-

COMUNICAR-SE COM OUTRO MUNDO DEPENDE DA ANTIGUIDADE DE UMA CIVILIZAÇÃO



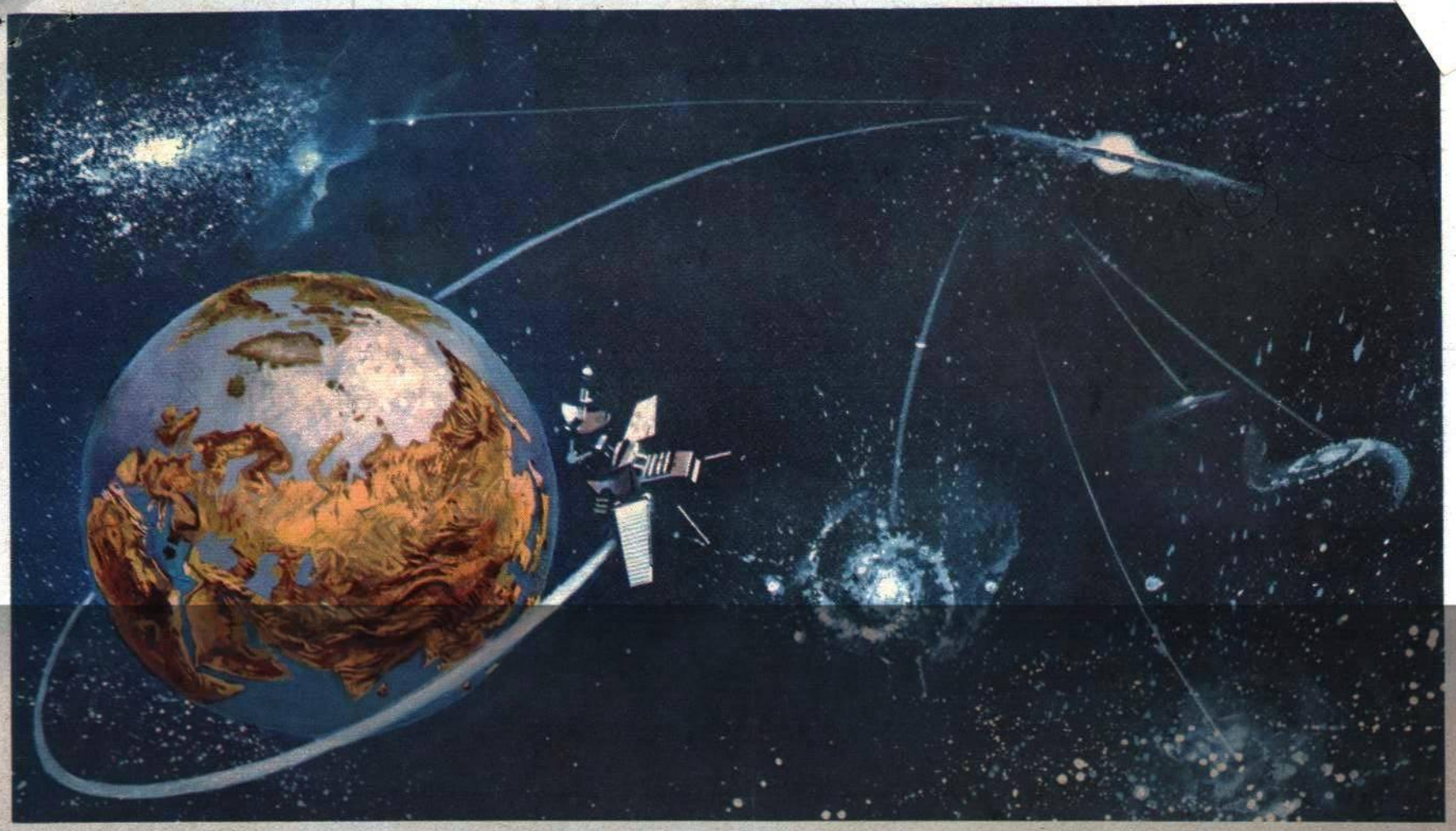
Walter Sullivan, redator científico do NY Times.

Na discussão atualmente aberta sôbre a probabilidade de vida inteligente em outros mundos, ninguém ressaltou convenientemente um fato que constituiu o fundamento lógico do simpósio especial realizado em novembro de 1961, em Green Bank, nos Estados Unidos, com intervenção das maiores autoridades americanas na matéria. Tratava-se de estabelecer a "longevidade de cada uma tecnologia no estágio das comunicações", isto é, de responder a esta pergunta: "Desde o momento em que uma civilização qualquer reunir os conhecimentos científicos que permitam a comunicação no espaço, quanto tempo decorrerá antes que esta se extinga?" De fato, se êste tempo é muito curto, a probabilidade de que duas civilizações, ambas chegadas ao estágio das comunicações, logrem "coincidir é pràticamente nula, dadas as enormes distâncias que separam os vários sistemas planetários e as dificuldades de tempo que os sêres inteligentes, de outros planêtas, encontrariam antes de poder localizar outros mundos habitados por sêres que tenham atingido o mesmo nível tecnológico. Se, ao contrário, êste tempo é longo, da ordem de milhares de anos, então é relativamente fácil realizar uma coincidência, isto é, comunicar-se."

A pergunta nasceu de uma série de observações de Fred Hoyle, professor de astronomia e filosofia experimental da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, e de um seu estudo intitulado: Uma Contradição na Teoria de Malthus. *Segundo Hoyle, existe uma desconexão entre o avanço de uma sociedade inteligente no plano técnico e o seu desenvolvimento moral: em outras palavras, quando esta civilização, qualquer que seja, atinge certo nível técnico, as suas convenções éticas não se mostram igualmente avançadas e suficientes para garantir certo grau de estabilidade. Pelo que tôda civilização está condenada à dissolução, a uma precisa "queda vertical". Quer dizer, em palavras simples, que quanto mais poderosos são os meios técnicos à disposição do homem, tanto mais fácil e provável é que êstes se revertam em prejuízo da mesma civilização. A bomba atômica, por exemplo, representa um perigo de destruição total da humanidade, como jamais se apresentou na história de nosso planêta. Se isto é verdadeiro, prossegue Hoyle, resulta que, em tôrno de nós, no Universo, existe um vasto silêncio; não porque seja impossível uma vida inteligente, mas porque é impossível "agora": existiu, existirá. Mas a vida média de qualquer civilização é tão breve, desde o momento em que atingiu um elevado grau de possibilidade de comunicação, que é improbabilíssima uma coincidência.*

Resulta igualmente, daí, conclui Hoyle, que estamos no limiar do "nosso" período crítico. Os próximos dez anos podem ser decisivos: ou sobrevivemos conseguindo uma organização estável ou pereceremos. Dêste ponto de vista, perceber um sinal proveniente das profundezas do espaço seria certamente interessantíssimo; porque a "coincidência" nos provaria que outra civilização conseguiu superar o período de crise e entrar numa dimensão estável. Seria um grande estímulo para confiar em nosso próprio futuro.

O colóquio de Green Bank analisou, com assombrosa riqueza de observações — como narra lùcidamente Walter Sullivan em seu livro Non siamo soli *(publicado na Itália por Garzanti) —, o problema no conjunto e concluiu que alguns indícios demonstravam que a longevidade de qualquer espécie inteligente devia ser ou muito alta ou muito baixa: isto é, ou inferior a mil anos (desde a consecução do estágio das comunicações) ou superior aos cem milhões de anos. Decorre daí, afirmou-se em Green Bank, uma interessante conseqüência: quanto mais breve é a vida de uma civilização, mais distante se acharão as civilizações idênticas. Quanto mais longa, mais próximas se tornarão. Para uma vida inferior a mil anos, concluiu-se, a distância seria de muitos milhares de anos-luz. Para uma longevidade superior a 100 milhões de anos, a distância poderia ser inferior a 10 anos-luz.*



No desenho acima é apresentada uma das hipóteses científicas mais fascinantes relativa à discutida existência dos discos voadores. Onde existir na imensidão do espaço — segundo se afirmou — uma supercivilização desenvolvida em sentido técnico, seu problema será o de comunicar-se com outras eventuais supercivilizações. Entretanto, para o conseguir, seria necessário primeiro encontrá-las: é provável, então, que esta supercivilização tenha enviado no passado, em cada galáxia, alguns engenhos voadores dotados de cérebros eletrônicos, capazes de revelar a existência de sêres inteligentes em outros planêtas e retransmitir à base qualquer sinal de vida. Êstes seriam, precisamente, os discos voadores.

um feijão, ou mesmo o nosso cérebro, nos átomos que as constituem, verifica-se que são feitas mais ou menos dos mesmos elementos: carbônio, oxigênio, hidrogênio, enxôfre, azôto, ainda alguns átomos de fósforo, de cálcio e de outros poucos metais e metalóides. Em outras palavras, a vida na Terra é um "processo químico autoperpetuando-se", baseado no metabolismo do carbônio. Ora, os estudiosos soviéticos pensaram que possa existir qualquer outro elemento, *in-natura*, em condições de provocar um metabolismo análogo ao do carbônio. Um dêsses elementos é o silício. Prosseguindo em sua hipótese, os cientistas russos imaginaram qual poderia ser uma vida baseada no metabolismo do silício: sêres que vivessem no silício deveriam respirar metano e azôto, ao invés de oxigênio e anidrido carbônico como fazem os animais e plantas, e absorver amoníaco, ao invés de água.

Ninguém, òbviamente, pode dizer se esta hipótese, com sabor de ficção científica, tenha sido realizada pela natureza em qualquer planêta. Responderão provàvelmente os estudos de exobiologia (isto é, de biologia extraterrestre) há tempos já iniciados na América, na Rússia e noutros países; e responderão as próximas expedições interplanetárias. Por outro lado, deve-se observar que um planêta do nosso sistema solar, Júpiter, parece ter uma atmosfera riquíssima de metano e de azôto, enquanto os seus mares poderiam ser de amoníaco. Seria o lugar ideal, como se vê, para sêres vivos feitos de silício. Mas, por ora, trata-se apenas de fantasia, embora fascinante.

A propósito dos discos voadores, um estudioso suíço, o professor Jung, recentemente falecido, num seu livro famoso, depois de haver catalogado com certo método estatístico os avistamentos dos discos nos diversos países do mundo, estabeleceu que o número dos "flying saucers" aumenta em proporção direta ao mêdo da humanidade. Em outras palavras, nos períodos em que a humanidade está aterrorizada pelas calamidades naturais (epidemiais, terremotos, cataclismos diversos) ou pelas guerras, tem visto sempre fenômenos no céu. Pode também ser esta uma explicação, mas também esta infelizmente não explica absolutamente mistérios como os de North Dakota, revelados em agôsto passado.

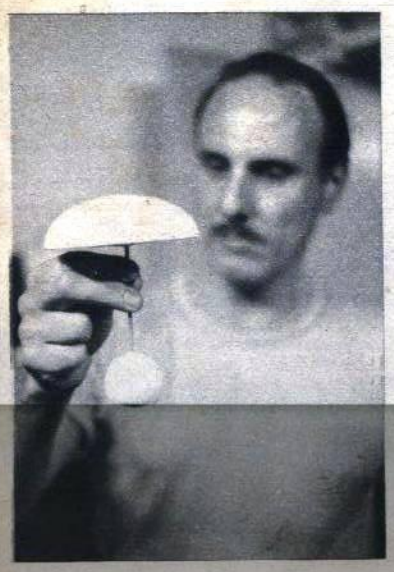
Por que não falam

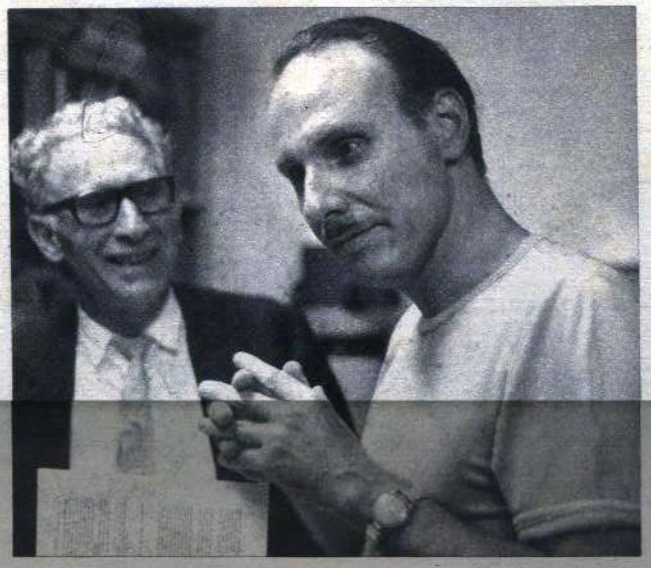
Qualquer um se pergunta, no caso em que os discos voadores sejam realmente aparelhos provenientes de outros mundos, por que não se realizou jamais uma tentativa por parte de seus pilotos de pôr-se em contato com os homens e por que, por outro lado, não foi tentado por parte de outros planêtas eventualmente habitados por sêres mais adiantados e mais civilizados do que a nossa humanidade. A esta última pergunta respondem os estudiosos que um sinal de rádio emitido da Terra leva quatro anos para chegar a Alfa do Centauro e, portanto, uma conversa em tais dimensões de tempo é muito difícil. Para a primeira interrogação cabe inicialmente esclarecer, sem sombra de dúvida, o que eram os objetos voadores não identificados vistos até agora.

Para isto será necessário esperar até o fim de 1968. Os cem pesquisadores, que trabalham sob a égide da Universidade do Colorado, nos dão finalmente uma palavra segura, com provas — pelo menos ao que se espera — irrefutáveis. A tranqüila cidadezinha de Boulder, que parece feita propositadamente para os estudos e a meditação, é sede, entre outros, do Centro Nacional Americano para a Pesquisa sôbre a Atmosfera, bem como do Centro de Estudos para a "Environmental Science", a ciência do ambiente circunstante, isto é, de tudo quanto nos circunda e à nossa Terra. Concluída a investigação, o relatório final, que o doutor Condon e seus colaboradores assinarão, será reexaminado por um grupo de especialistas da Academia Nacional das Ciências de Washington, de forma que haja uma investigação posterior que estabeleça a validade dos meios empregados e constitua, por sua vez, uma nova prova das pesquisas realizadas. Mais um instrumento de investigação será por certo o incremento de algumas pesquisas espaciais programadas pela NASA.

Não nos resta, por ora, senão esperar. Quem não acredita nos discos, continua a manter a sua posição. Quem acredita, permanece na sua própria fé. Um ano passa muito depressa.

Enigma que está desafiando os pesquisadores





O Prof. Flávio Pereira exibe reproduções dos mais variados tipos de discos. À dir., com o coordenador do Simpósio, Sr. Elia de Garcea.

Reuniões sigilosas do Congresso

As informações contidas nesta reportagem foram dadas pelo Prof. Flávio A. Pereira considerado uma das maiores autoridades brasileiras em ciências espaciais e presidente das duas entidades nacionais que estudam êsses assuntos: Instituto Brasileiro de Astronáutica e Ciências Espaciais e da Comissão Brasileira de Pesquisa Confidencial dos Objetos Aéreos não Identificados.

"O Congresso norte-americano realizou dezenas de reuniões sigilosas, orientadas pela Comissão de Astronáutica e Espaço e discutiu, colocando-o em bases reais. Ninguém sabe o que se passou nas salas ultra-secretas do Congresso, mas, pelo que se conheceu depois do assunto, pode-se reconstituir alguma coisa:

1 — Os chamados discos-voadores não são miragens nem alucinações, mas existem de fato. São tão concretos como os aviões, os foguetes e satélites.

2 — O que, tecnològicamente, são os discos, isso ninguém sabe ainda. Até agora só constatamos o que êles não são. Os discos não são foguetes; não são satélites; não são aviões; não são miragens; não são espelhinhos mágicos, óticos; não são estrêlas candentes.

3 — Quanto à eventual periculosidade, pouco se pode adiantar de positivo. Corre rumôres de atos hostis, mas ninguém pode garantir sua autenticidade. Um simples raciocínio lógico permite equacionar êsse ponto do problema: houve, segundo o catálogo de Aimé Michel, 1.600 casos de aparições sòmente na França, entre os anos de 1947 e 1954. Nenhum hostil. Durante os seis primeiros meses de 1966 observaram-se, nos EUA, 508 discos-voadores. Nenhuma hostilidade. A questão, todavia, permanece de pé, porque a periculosidade é inerente à logística do problema, ou seja: que desejam aqui os discos-voadores?"

"Talvez procurem êles conhecer a Terra, apanhar amostras da flora, da fauna, da crosta, das águas e das terras. Seria uma hipótese, mas êles nunca raptaram jamais um automóvel ou outros objetos. Nem recolheram no espaço um satélite russo ou uma sonda interplanetária americana. Não interferiram com as estações espaciais enviadas aos planêtas Vênus e Marte, muito menos com as que alunissaram. Isso é um mistério dentro do grande mistério. Os discos-voadores guardam-se de capturar nossos veículos espaciais, aéreos, terrestres ou marítimos. Por que motivo?

Podemos imaginar o espanto dos congressistas dos EUA diante das revelações dos oficiais da Fôrça Aérea e da Marinha, na sessão ultra-secreta que terão tido a respeito. Aquêle país que vem gastando bilhões de dólares na pesquisa atômica, astronáutica, eletrônica, tanto para fins civis como para fins militares, ainda não tem resposta para essas perguntas básicas que datam de 1947. Nessa data, Kenneth Arnold denunciou a presença de formações de pratos voadores fazendo evoluções em tôrno de montanhas dos Estados Unidos. Livros e mais livros foram escritos. Duas gerações de militares se sucederam na chefia dos departamentos confidenciais que recolhem os relatórios e estudam cada caso concreto de aparição de disco-voador. E nada. Temos apenas algumas deduções, em parte contraditórias, que tornaram o quadro geral um tremendo quebra-cabeça. Mas de todos os estudos ficou claro que os tais discos-voadores existem. Sòmente os ignorantes não sabem. Além daqueles que, não sendo totalmente ignorantes, *não querem saber.*"

Quem entende do assunto

"Os maiores estudiosos e pesquisadores, no Mundo, sôbre discos e objetos voadores não identificados são o Vice-Almirante Hillenkoetter, o Major Donald Keyhoe, o Gen. Lionel Chassin, o Capitão Pagani, o Brigadeiro Adil, o Prof. Herman Obert, o Prof. Charles Maneuy, Dr. Olavo Fontes, o jornalista João Martins, o Príncipe Albert, da Inglaterra, a Rainha Juliana, da Holanda, o Prof. Allan Hynek, que é nada menos do que assessor científico e consultor de Astrofísica da Fôrça Aérea dos Estados Unidos, desde 1951 até agora, e centenas de outros."

O Prof. Flávio A. Pereira salienta o trabalho de divulgação do jornalista João Martins, de "O Cruzeiro", que escreveu dezenas de reportagens sôbre o assunto no momento em que a incredulidade popular era maior e em que se acentuava a má-fé.

Períodos fixos de aparecimento

"De acôrdo com a Comissão Nacional Norte-Americana de Pesquisas sôbre Objetos não Identificados, os chamados discos-voadores não aparecem esporàdicamente. Obedecem a períodos definidos, cuja significação exata ainda não é conhecida. Há dois grandes períodos, um de 4 anos e 4 meses e outro de 8 anos e 8 meses. Isto é, de 4 em 4 e de 8 em 8, ocorre uma acentuadíssima subida no número de observações reportadas por pessoas de todo os países e de todos os continentes.

Que significa isso? Que tem isso a ver com a questão da origem e mais ainda, a questão da intenção dos discos voadores? Por que motivo os discos freqüentam a atmosfera da Terra dessa maneira?"

No intuito de procurar resposta para estas e outras perguntas é que o Prof. Flávio Pereira, diretor do IBACE, organizou o "Congresso Internacional sôbre Objetos não Identificados", que se realizará em São Paulo, possivelmente em junho com a presença de 15 autoridades de renome que estudam o assunto. Êsses especialistas participarão também de um Simpósio ultra-secreto que o Instituto promoverá especialmente para o Estado-Maior das Fôrças Armadas Brasileiras. O Congresso será presidido pelo Gen. Lionel Chassin, antigo comandante da Defesa Aérea da NATO e, atualmente, presidente do Grupo Francês de Estudo dos Discos-Voadores. Informa-nos o Sr. Elia de Garcea, coordenador-geral do certame, que participarão quase tôdas aquelas autoridades citadas, além de grande número de observadores norte-americanos e brasileiros.

DISCOS-VOADORES

Texto de CARLOS DE FREITAS
Fotos de JOSÉ DE SOUZA
(Do Bureau de "O Cruzeiro" em São Paulo)

Em 1960, o vice-almirante norte-americano Hillenkoetter (que acabava de deixar a Agência Central de Espionagem) deciarou: "Por detrás da cena, oficiais de alta patente da Força Aérea estão sòbriamente "empenhados na questão dos discos-voadores". Mas por causa do segrêdo oficial e da política adotada pelos órgãos governamentais de lançar o ridículo sôbre aquêles que observam tais objetos, muitos cidadãos são obrigados a pensar que os UFOs constituem requintada tolice. A verdade é outra: centenas de relatórios autênticos, assinados por pilotos veteranos e outros observadores tècnicamente treinados, vêm sendo sujeitos a essa política de descrédito e ridículo, ou então explicados como sendo devidos a erros, miragens, alucinações, embustes. Já é tempo de o Congresso repor a verdade em seus devidos têrmos". (Na foto, modêlo de discos que foram observados nessa posição, afastando-se ou distanciando-se um do outro, no ar.)